

LUCAS VIEIRA PORTELA

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO DE DUAS
ESCOLAS PÚBLICAS DE PORTO ALEGRE ACERCA DAS PRÁTICAS
CORPORAIS**

**Porto Alegre
2012**

Lucas Vieira Portela

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO DE DUAS
ESCOLAS PÚBLICAS DE PORTO ALEGRE ACERCA DAS PRÁTICAS
CORPORAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Educação Física da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Elisandro Schultz Wittizorecki

**Porto Alegre
2012**

AGRADECIMENTOS

Ao final deste trabalho, que também significa o final de um momento importante de minha vida, os agradecimentos são inúmeros, tocando a todos aqueles que participaram de alguma maneira desta caminhada, que colaboram de alguma maneira para a construção deste trabalho.

Agradeço aos meus pais, Lourdes e Dirceu, e minha irmã, Carolina, que me deram todo o suporte e ajuda para que esse trabalho se concretizasse e eu pudesse chegar ao fim do curso de Educação Física.

Agradeço aos meus padrinhos e madrinhas Leila, Zé, Josi e Adão pelo apoio nos bons e maus momentos além do incentivo e motivação para essa jornada.

Agradeço à Fernanda minha amada por ser além de minha companheira, incentivadora e me apoiar em minhas decisões.

Agradeço aos meus grandes amigos, Andrei, Lucas, Léo, Douglas, Renan e Fábio que foram cúmplices de cada passo que dei nesse processo. Amigos de verdade, que me acompanham desde tempos primórdios ao curso de Educação Física e a UFRGS.

Agradeço à Cristiano, Moreno, Thomás, Pietro, Matheus, Felipe e todos meus colegas e amigos do curso de Educação Física, que não cabem aqui, aqueles que tenho certeza que prosseguirão comigo para além da faculdade.

Agradeço ao Elisandro por me proporcionar a convivência assim como o aprendizado decorrente de cada conversa, pelo exemplo de educador e pessoa. Tuas palavras foram essenciais para a construção deste trabalho.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo investigar as representações que estudantes de Ensino Médio de duas escolas públicas de Porto Alegre/RS constroem acerca das práticas corporais e compreender como a Educação Física escolar influencia esse processo. A literatura sugere relação entre a prática de atividade física na adolescência e na vida adulta como algo que poderia desencadear aderência. Embora a Educação Física seja vista como uma disciplina de grande preferência aos alunos, ela não aparece entre as primeiras quando a sua importância é questionada aos alunos. Além disso, é possível notar na Educação Física escolar, sobretudo com jovens, certo desinvestimento em tal prática. Neste sentido, o estudo pretendeu compreender melhor essas questões. Metodologicamente, trata-se de um estudo descritivo em que foi utilizado o grupo focal com estudantes de Ensino Médio como procedimento de obtenção das informações. O trabalho de campo foi realizado durante o segundo semestre de 2012 e as informações levantadas foram processadas através da análise de conteúdo. Foi possível compreender que os jovens estudantes do ensino médio das duas escolas públicas de Porto Alegre investigadas representam as práticas corporais como algo importante, necessário e prazeroso. A simbologia da prática corporal perpassa o objetivo conectado a saúde, estético ou rendimento. O que toca com mais profundidade os jovens é a sensação obtida com tal prática, assim como as pessoas e amigos igualmente ligados à ela. Com isso relaciona-se as práticas corporais como forma de dar continuidade e evolução às técnicas e ao rendimento em práticas que lhes signifiquem algo, sem perder de vista a companhia de amigos, e momentos agradáveis, com satisfação pessoal e bem-estar. A Educação Física escolar para grande parte dos jovens é o primeiro e mais profundo contato com as práticas corporais. Com isso os alunos do ensino médio depositam sobre as aulas a função de criar subsídios motores e sociais para que entre eles desperte um interesse nas práticas corporais. Entendem que com o incentivo propiciado pelas aulas na escola, pode mobilizar os estudantes a se aproximarem de alguma prática corporal que lhes produzam significados, assim o aluno pode recorrer a espaços extraescolares para realizar tais práticas.

Palavras chaves: Representações Sociais. Educação Física Escolar. Práticas corporais.

ABSTRACT

The present study aims to investigate the social representations that high school students from two public schools in Porto Alegre / RS builds on the body practices and understand how school physical education influences this process. The literature suggests a relationship between physical activity in adolescence and adulthood as something that could generate adherence. Although physical education is seen as a discipline of great preference to students, it does not appear among the first if its importance is questioned to students. Moreover, it is possible to notice in physical education, especially with young people, some disinvestment in such practice. In this sense, the study sought to better understand these issues. Methodologically, this is a descriptive study that used focus groups with high school students as a procedure for obtaining the information. The fieldwork was conducted during the second half of 2012 and the information collected were processed using content analysis. It was possible to understand that young high school students from two public schools in Porto Alegre investigated represent bodily practices as something important, necessary and pleasurable. The symbolism of the body practice permeates the goal connected to health, aesthetics or performance. What touches more deeply the young is the sensation achieved with this practice, as well as people and friends also connected to it. With this, relates with body practices as a way of continuing and evolving techniques and practices that will yield means something, without losing sight of the company of friends, and pleasant moments with personal satisfaction and well-being. The school physical education for most young people is the first and deeper contact with body practices. high school students put about this class the function of creating engines and social allowances for awaken an interest in bodily practices. They understand that the incentive provided by classes in school, can mobilize students to approach some practice body they produce meanings, so the student can use to perform extracurricular spaces such practices.

Keywords: Social Representations. Physical Education. Body practices.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 PROBLEMA:	11
1.2 OBJETIVOS	11
1.2.1 <i>Objetivo geral</i>	11
1.2.2 <i>Objetivos específicos</i>	12
2 REVISAO DE LITERATURA	13
2.1 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	13
2.2 PRÁTICAS CORPORAIS	16
2.3 JUVENTUDE	19
2.4 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	21
3 METODOLOGIA	27
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO	27
3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO	27
3.3 INSTRUMENTOS E MATERIAIS NA COLETA DE INFORMAÇÕES.....	28
3.4 PROCEDIMENTOS NA COLETA DE INFORMAÇÕES.....	29
3.5 TRATAMENTO DAS INFORMAÇÕES	30
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES	31
4.1 O QUE PENSAM OS JOVENS SOBRE AS PRÁTICAS CORPORAIS	31
4.2 PRÁTICAS E CONTEXTOS QUE MOBILIZAM E AFASTAM OS JOVENS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	37
4.3 A EDUCAÇÃO FÍSICA E AS PRÁTICAS CORPORAIS NA JUVENTUDE	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS.....	55
APÊNDICES	58
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	58
APÊNDICE B – ROTEIRO DE QUESTÕES DO GRUPO FOCAL	59

1 INTRODUÇÃO

Ao realizar o Estágio Supervisionado de Docência em Educação Física no Ensino Infantil, no segundo semestre de 2010, durante minha formação de Licenciatura em Educação Física na UFRGS, me defrontei com situações e experiências pessoais onde pude perceber que já nesta faixa etária (entre quatro e seis anos) haviam alunos que não sentiam prazer ou mesmo vontade de participar da aula. Paradoxalmente, isso conflitava com uma representação de Educação Física fortemente associada às atividades lúdicas e em função de que o movimento intenso é uma característica da criança na referida etapa.

Ao observar as aulas de meus companheiros deste estágio, notava que alguns alunos preferiam sentar e assistir, conversar ou então apenas ficar perto do professor ao invés de realizar as atividades propostas. Tais situações me geraram algumas incertezas acerca do que pensavam estes alunos sobre a aula de Educação Física. Comecei, principalmente, a refletir sobre as implicações deste fenômeno: crianças que já tão cedo não sentiam prazer nas aulas de Educação Física.

Por outro lado, é visível que as práticas corporais parecem estar bastante presentes na vida adulta. Ambientes ao ar livre estão fortemente permeados com a atividade física. Parques e praças públicas são espaços da cidade onde se vê um grande número de adultos praticantes de caminhadas e ciclismo, por exemplo. Campos de várzea, quase sempre, estão cheios de praticantes de futebol, com ligas organizadas e grande número de equipes. Nas academias a situação não é diferente. O número de praticantes de musculação e atividades de ginástica em academias é cada vez maior. Dados da International Health, Racquet & Sportsclub Association (IHRSA), mostram que, de 2007 a 2010, o número de academias no Brasil dobrou, chegando a 15.551; isso me permite pensar que há uma predisposição do público praticante em alcançar – além de objetivos estéticos – melhoras em suas capacidades funcionais do dia-a-dia, socialização e benefícios à saúde. Estas atividades são praticadas em momentos de lazer, o que parece evidenciar que o adulto mostra interesse nas práticas corporais. Independente do objetivo para o qual se realiza, o fato é que realiza-las como lazer é um hábito marcante na adultez contemporânea.

A partir dessas reflexões, fiz a seguinte indagação: como e o que move o estudante que ainda aos seis anos de idade não se sente atraído à prática corporal de movimento, chegar a adultez e sentir a necessidade de viver determinadas práticas corporais? Que experiências, situações e discursos acontecem no transcorrer do desenvolvimento dos sujeitos que mexem no desejo de aderir a alguma prática corporal?

O jornal Folha de São Paulo (FOLHA.... 27 nov. 1997), em uma pesquisa realizada pelo Datafolha¹ procurou identificar a quantidade praticantes de atividade física, os motivos porque isto ocorre e quais as variáveis que interferem no processo de aderência à prática. Os dados do Datafolha (1997) revelaram que a maioria dos brasileiros entrevistados, em torno de 53%, declarou praticar atividade física para emagrecer/manter a forma, mostrando um valor que permeia a sociedade: intenções voltadas para questões estéticas. Outros 36% realizam atividade física por julgarem que ela é importante para a saúde.

É de se esperar que estes motivos se modifiquem ao longo da vida dos indivíduos. Biddle, (1992) acredita que enquanto as crianças e jovens são atraídos, provavelmente, pelo divertimento, prazer, melhoria das habilidades, possibilidades de vivenciar sucesso e vitória, estar com amigos; na idade adulta é atribuído um peso maior à estética e na terceira idade uma preocupação maior pela saúde.

Acredito que a conscientização dessas possibilidades é uma das metas da Educação Física escolar, que tem entre suas funções promover a cultura corporal de movimento e assim tornar o aluno um adulto ativo fisicamente. Para que isso aconteça a aula de Educação Física deve cumprir seus objetivos propostos, de forma prazerosa e estimulando o aluno à diversas práticas corporais de diferentes formas. Desse modo, a chance de se identificar com alguma (ou várias) prática(s) é maior, o que poderia diminuir a possibilidade de um adulto sedentário.

A Educação Física escolar atravessou e atravessa algumas mudanças nos últimos tempos, seja no aspecto jurídico, na criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais ou na própria formação dos professores, que deixam de ser tão tecnicistas e saem do universo acadêmico com um pensamento de atividade escolar mais lúdica e mais crítica em relação aos seus anteriores. Passa pelas mãos do professor de Educação Física não só o papel de ensinar o gesto desportivo, de fazer

¹DATAFOLHA é um instituto de pesquisas brasileiro que realiza pesquisas de opinião pública e eleitorais.

com que o aluno execute a técnica apropriada a partir de sua metodologia e avaliá-lo por tal prática. Para além disso, o professor de Educação Física está comprometido em proporcionar o desenvolvimento global do ser humano em todas as suas dimensões. Para isso o professor pode ser um facilitador para trabalhar tanto aspectos físicos e motores, como também os componentes sociais, culturais e psicológicos. Isso, com grandes chances, cativaria o aluno e criaria nele o hábito de atividades físicas, o qual ele levaria para a sua vida toda.

Do ponto de vista biológico, a inatividade física é importante fator de risco para doenças crônicas. De acordo com dados do Ministério da Saúde, divulgados em seu site oficial², a inatividade física é responsável por 54% dos riscos de morte por distúrbios cardiovasculares, 50% dos de derrames fatais e 37% dos riscos de casos de câncer. Nesta perspectiva, o hábito de atividades físicas durante a vida adulta é importante para a redução desses riscos. Isso é ainda mais grave quando Silva e Malina (2003) apontam amostras de algumas localidades brasileiras nas quais a prevalência do sedentarismo no tempo de lazer em adultos é em torno de 70%.

Segundo o IBGE (2009), mais da metade dos 618,5 mil estudantes de escolas particulares e públicas, que frequentam o 9º ano do ensino fundamental, nas capitais e no Distrito Federal - a maioria na faixa de 13 a 15 anos - são inativos ou insuficientemente ativos em relação às práticas corporais. Considerando somente as alunas, o percentual chega a quase 70%. Torna-se necessário investigar os fatores que levam ao menor envolvimento do sexo feminino com atividade física de forma regular.

A participação em práticas corporais declina consideravelmente com o crescimento, especialmente na faixa de transição entre a adolescência para a adultez. Ainda segundo DISHMAN (1994) citado por DARIDO (2004) é necessário compreender quais são os fatores responsáveis pela diminuição das práticas corporais na mudança entre a infância e adolescência, e então, para a idade adulta. Obviamente muitas mudanças nos domínios do comportamento ocorrem nesta transição, entretanto, a hipótese levantada pelo autor tem alvo nas experiências dos alunos durante o período escolar, ainda mais durante o Ensino Médio.

² http://portal.saude.gov.br/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=23618, acessado no dia 10/09/2012.

Com o avanço tecnológico, a automação e a mecanização que a vida moderna nos proporciona, a necessidade de movimentar-se diminuiu substancialmente se compararmos com a vida levada por nossos antepassados. Soma-se a isso o aparecimento de muitas opções lúdicas eletrônicas com reduzida necessidade de esforço, ou seja, cada vez mais estamos sedentários, e isso vem tornando o sedentarismo um hábito precocemente. Malina (2001) identifica alguns fatores de risco para o sedentarismo, sendo um deles possuir aparelho de televisão no quarto da criança, além de pais inativos fisicamente, escolas sem atividades esportivas, residir em área urbana e sexo feminino³. Sendo a prática de atividade física mais frequente entre meninos uma tendência mundial.

Para que as práticas corporais aconteçam sistematicamente na idade adulta a Educação Física escolar também é muito importante, já que práticas de atividade física durante a adolescência contribuem para as práticas corporais na vida adulta. Passa por isso a vivência de uma cultura corporal de movimento e a necessidade de que os alunos incorporem essa cultura. Portanto cabe também a Educação Física na escola conscientizar para que os jovens mantenham o hábito de praticar atividades físicas durante sua vida.

Para isso, alguns elementos são importantes de serem compreendidos, como a satisfação dos alunos com as aulas, o nível de intensidade das aulas, os conteúdos trabalhados, as histórias de vida dos estudantes, da comunidade e da própria escola. Entretanto esse assunto tem sido de objeto de poucos estudos no Brasil. O ideal seria que o tema fosse um alvo mais atrativo para pesquisadores e estudiosos da área, uma vez que traria contribuições para a Educação Física como um todo.

Já que para incentivar o jovem a manter as práticas corporais é preciso conhecê-lo, há a necessidade de saber: praticando uma atividade de seu interesse teria ele maior satisfação na aula? Se sim, quais são essas atividades? Haveria possibilidade de realizá-las nas aulas de Educação Física escolar? Algumas atividades que tem grande aceitação pelo público jovem, ao entrarem na escola perderiam o ar transgressor e deixariam de ser tão interessantes? As atividades físicas produzem outros significados para os jovens? A roupa adequada, o suor, o

³Segundo Farias Júnior (2006) essa diferença se deve, entre outros fatores, ao maior envolvimento dos rapazes em atividades físicas mais intensas e, em menor escala, a maior duração e frequência de prática de atividade física.

cansaço gerado pela aula de Educação Física incomodam? Atrapalham? Sendo o jovem do último ano escolar – no Ensino Médio – praticamente um adulto (em alguns casos, legalmente, já é) teria ele maior vontade de praticar atividades esportivas competitivas ou exercícios com o propósito de condicionamento físico parecido com os executados em academias de ginástica? O que eles pensam sobre a Educação Física? Na perspectiva do aluno, quais os objetivos das aulas de Educação Física? Eles estão sendo cumpridos? Quais os conhecimentos que o componente curricular Educação Física transmite para os alunos? De que forma?

A opção de direcionar o presente estudo para compreender as representações acerca das práticas corporais de estudantes do Ensino Médio e investigar como a Educação Física se articula com esse processo deve-se ao fato de que os estudantes desta etapa se encontram em uma fase importantíssima e dilemática de sua vida, seja pelas mudanças ocorridas no seu corpo, seja pelo momento de indagação sobre o futuro, seja pela proximidade do fim de um ciclo que é o término da educação básica representa, tornando-os agora adultos e responsáveis por suas atitudes, entre elas o hábito com as práticas corporais. Mas principalmente, porque entender o que pensa o jovem agora e o que o motiva a manter um hábito do movimento pode nos ajudar mapear e buscar uma maior prática e aderência de adultos em práticas corporais de movimento.

1.1 PROBLEMA

Frente ao apresentado, o problema de pesquisa se constitui na seguinte questão: **quais representações que estudantes de Ensino Médio da escola pública constroem acerca das práticas corporais? De que forma a Educação Física escolar influencia o processo de experimentação e adesão a tais práticas?**

1.2 OBJETIVOS

São objetivos desta investigação

1.2.1 Objetivo geral

Descrever as representações que estudantes de Ensino Médio de escola pública constroem acerca das práticas corporais e compreender como a Educação Física escolar influencia o processo de experimentação e adesão a tais práticas.

1.2.2 Objetivos específicos

- Compreender o que pensam os estudantes de Ensino Médio acerca das práticas corporais;
- Compreender como as aulas de Educação Física influenciam a disponibilidade e aderência dos estudantes de Ensino Médio em atividades físicas fora do âmbito escolar;
- Identificar que tipo de atividades e práticas corporais provocam maior interesse e envolvimento por parte dos jovens;

2 REVISAO DE LITERATURA

2.1 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Para compreendermos as representações de estudantes de ensino médio acerca das aulas de Educação Física e, sobretudo, o que perpassa a Educação Física escolar como um todo é necessário, primeiramente, conhecer algumas proposições de teorias no que tange o termo representações sociais. Assim como outras teorias que se alimentaram destas fontes na formulação de novos conceitos e aplicações para tais.

A Teoria das Representações Sociais, preconizada pelo psicólogo social francês Serge Moscovici em 1961 no livro *A Psicanálise, sua imagem e seu público*, está principalmente relacionada com o estudo das simbologias sociais, ou seja, o estudo das trocas simbólicas desenvolvidas em nossos ambientes sociais; de nossas relações interpessoais, e de como isto influencia na construção do conhecimento compartilhado.

As representações podem ser uma forma particular de adquirir conhecimento e uma forma de transmitir entre indivíduos conhecimentos adquiridos, ou seja, as representações constituem modos de vida e forma de comunicação entre as pessoas, por isso, são representações sociais. Grupos diferentes podem e tendem a produzir representações diferenciadas sobre um mesmo objeto. (MOSCOVICI, 1961, p. 27).

Conceituar as Representações Sociais em breves palavras é um processo complexo, seu conceito parece ser um tanto quanto denso. O próprio criador das representações sociais nos é resistente ao que toca apresentar uma definição precisa do termo, por julgar que uma tentativa nesse sentido poderia acabar resultando na redução do seu alcance conceitual. Segundo Ibañes apud Sá (1996) uma das dificuldades para a definição do conceito é “sua composição polimorfa, já que recolhe e integra toda uma série de conceitos que apresentam cada um deles, um alcance mais restrito que o próprio conceito de representações sociais” (Op. Cit, p.31)

Existem, entretanto, na literatura autores que buscam definições para o termo sem comprometer a integridade do conceito. Tal qual Jodelet (1989) citado por Sá

(1996) que buscou o fim prático e o caráter utilitário das representações sociais para caracterizar como “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.”(Op.cit, p.36)

Para Sá (1996) as representações sociais, enquanto uma forma de saber, se apresentam como uma modelização do objeto, que podem ser apreendidas em diversos suportes lingüísticos, comportamentais ou materiais. Ainda lembra que sempre há de integrar na análise daqueles processos o pertencimento e participação sociais e culturais do sujeito.

Relacionando as representações sociais, sendo elas uma categoria de pensamento que determinada sociedade ou individuo, elabora e expressa sua realidade, e o que elas podem gerar e incitar no sujeito, Doise (1990) apud Sá (1996) argumenta que as “representações sociais são princípios geradores de tomadas de posição ligadas a inserções específicas em um conjunto de relações sociais que organizam os processos simbólicos que intervêm nessas relações” (Op.cit, p.33).

As Representações Sociais se manifestam em palavras, sentimentos e condutas e se institucionalizam, portanto, podem e devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais. Sua mediação privilegiada, porém, é a linguagem, tomada como forma de conhecimento e de interação social (MINAYO, 2000).

As representações são um material importante para a pesquisa no interior das Ciências Sociais. O sociólogo Durkheim trazia, sob o nome de representações coletivas, um conceito que, aparentemente, se assemelha com as representações sociais. Segundo ele o termo se refere a categorias de pensamento através das quais, determinada sociedade elabora e expressa sua realidade. Afirma ainda que essas categorias não são dadas a priori e não são universais na consciência, mas surgem ligadas aos fatos sociais, transformando-se, elas próprias, em fatos sociais passíveis de observação e de interpretação (MINAYO, 2000). Sugere, portanto que as representações não são conscientes do ponto de vista individual. É a sociedade que pensa.

Schultz (1982) usa o termo “senso comum” para denominar o cotidiano das representações sociais. Termo esse que envolve conjuntos de abstrações, formalizações e generalizações. Através do senso comum, o indivíduo (com seus

conhecimentos, experiência e história interior) atribui importância à determinados temas, aspectos ou situações. A atribuição de significados portadores de relevâncias à sua ação cotidiana é um fator de grande importância, mostram que o indivíduo possui uma história pessoal com significado também grupal.

Como Moscovici desloca para a Psicologia Social conceitos da Sociologia baseados principalmente em Durkheim, a teoria formulada por Moscovici sobre representações sociais é considerada como uma forma sociológica de Psicologia Social. O fato é que as atividades dos sujeitos e do mundo são fundamentais para a conceitualização das representações sociais. Com isso ele rompe com o individualismo teórico da disciplina, as representações sociais deixam na psicologia social uma lógica diferente da lógica individual.

Diferentes campos teóricos discutem as representações sociais, seu conceito trata das trocas simbólicas desenvolvidas, de relações e principalmente na construção do conhecimento compartilhado. Nelas o Indivíduo é princípio de um fenômeno e o ponto principal de uma análise contundente sobre a construção de conhecimento coletivo sobre algo, ou alguém. Cabe ressaltar ainda que embora não esteja estritamente localizada no indivíduo, as representações sociais são construções do sujeito, ao ponto que há nas representações uma análise de processos de pertencimento, participação social e cultural do sujeito.

Devide e Rizzuti (2001), no que se refere à Educação Física escolar e as representações sociais, descrevem que a valorização dos conteúdos ditos teóricos e a sua aplicabilidade no cotidiano constituem uma marca discursiva nos alunos. A aprendizagem é uma construção pessoal que permite atribuir significados a um determinado objetivo de ensino, que só torna-se efetivo quando o que se aprende tem significado, é útil e pode ser possível estabelecer um vínculo com o cotidiano. Indo ao encontro do que dizem os autores cabe lembrar que hoje a Educação Física escolar é composta também de conteúdos de dimensão conceitual, os quais visam desenvolver as competências do aluno nas suas relações com símbolos, expressões, idéias, imagens e representações, com os quais ele aprende e ressignifica o real.

Dessa forma, seria interessante que o trabalho dos professores de Educação Física fosse formado por um conjunto de intervenções pedagógicas, afetivas e de socialização que atinjam a opinião dos alunos, perpassando por toda a escola. O professor, enquanto agente transformador e atuando em conjunto com os alunos,

pode produzir ou transformar representações sociais, quando possui uma prática pedagógica comprometida.

Assim, o estudo das representações sociais relacionadas à área da Educação Física escolar pode contribuir como um importante meio para identificar e compreender os pensamentos e significados atribuídos a esta disciplina pelos alunos. Baseado nas observações e análises destes, o professor possa construir metodologias e objetivos que se adéquem ao seu aluno e suas necessidades e singularidades, realizando com isso uma prática pedagógica mais efetiva, responsável e relacionada com seu cotidiano.

2.2 PRÁTICAS CORPORAIS

Pesquisas sobre os benefícios da atividade física para a saúde são amplamente divulgadas pela mídia. Entretanto, em sua maioria, esses trabalhos baseiam-se em um ponto de vista puramente biológico, no qual a saúde é simplesmente a ausência de doença, e a atividade física é vista como sinônimo de gasto de energia e, muitas vezes, como “salvação” para uma futura doença. No entanto, pensar, discutir e promover saúde através de práticas corporais deve se distanciar dessa concepção hegemônica, ao colocar o indivíduo no centro das ações, incorporando elementos das ciências humanas e sociais.

Atividade Física, que é uma expressão genérica, pode ser definida como:

Qualquer movimento corporal, produzido pelos músculos esqueléticos, que resulta em gasto energético maior do que os níveis de repouso. O Exercício Físico, um dos principais componentes da Atividade Física, é uma atividade física planejada, estruturada e repetitiva que tem como objetivo final ou intermediário aumentar ou manter a saúde/aptidão física (CHEIK, 2003, p. 3).

Para movimentar-se, porém, é preciso conhecer limites e capacidades de diferentes dimensões, com bases físicas, biológicas, fisiológicas, intelectuais, emocionais e afetivas. O que caracteriza a subjetividade da pessoa, que não é composta apenas de uma determinada característica e vista sob um único viés.

Enquanto nos movimentamos pensamos, sentimos, inventamos, assim como em diversas tarefas do cotidiano. Segundo Carvalho (2007), no entanto há movimentos que dificultam ou não priorizam o experimentar diferentes modos de

perceber a vida, como também a expressão “espontânea” por meio do corpo, ou porque são rápidos, difíceis, chatos, ou ainda repetitivos e nos dispersam do aprendizado do cuidado; e há outros que nos estimulam a sentir, a descobrir, a pensar e a recriar a experiência coletiva de trabalhar com o corpo.

Ainda segundo Carvalho (2007) as práticas corporais, quando vistas representando ou manifestando a cultura corporal de determinado grupo, carregam os significados que as pessoas lhes atribuem. Contemplam as vivências lúdicas e de organização cultural e operam de acordo com a lógica do acolhimento, aqui no sentido de estar atento às pessoas, de trabalhar ouvindo suas vontades e carências e, ao mesmo tempo, auxiliar e encaminhá-las de modo a atendê-las para além do imediato. Aqui há uma contraposição à ideia de atividade física ao ponto que a atividade física despersonaliza o coletivo já que é impessoal, padroniza e assemelha corpos, com base na racionalidade biomédica, ao mesmo tempo em que o desqualifica ao destituir o humano do movimento.

As práticas corporais ampliam o conceito de atividade física, agregando valores e significados à determinada prática. Há com o termo prática corporal um caráter interdisciplinar, completo e integral do sujeito, no qual o movimento é realizado dentro de um contexto, com uma determinada função forma e objetivo. Silva e Damiani, (2005) corroboram da seguinte forma: “as práticas corporais devem ser tratadas pelas ciências humanas e sociais, pela arte, pela filosofia e pelos saberes populares, sem desprezar as ciências biológicas”. No caso da Educação Física, parece fundamental oferecer alternativas de práticas corporais na busca de englobar o ser humano de forma mais ampla, permitindo aos envolvidos que sejam participantes ativos no processo de aprender e fazer.

Há um forte impacto da mídia sobre a atividade física/práticas corporais como forma de promoção de saúde. Com isso práticas culturais nas quais o movimento humano é o elemento principal de intermediação simbólica e de significações produzidas e mantidas, tradicionalmente, por comunidades ou sociedades, vão sendo substituídas por práticas corporais padronizadas e difundidas como corretas, modernas, e estabelecidas como mais adequadas ao bom desenvolvimento do corpo e à manutenção de saúde (SILVA E DAMIANI, 2005).

Já nos momentos de lazer, Schwartz (2002) enfatiza que os indivíduos, nos momentos disponíveis para tais vivências, procuram envolver-se em atividades que

possam distanciá-los da mesmice e que propiciem o rompimento com a rotina. É notável que as práticas corporais no âmbito do lazer provocam uma evidente sensação de bem-estar. A busca de sensações, prazeres, relaxamento que agradem o indivíduo são principais fatores de iniciação e adesão às práticas corporais. A busca por saciar desejos, agir de forma competitiva, se ligar a ambientes externos dos quais ele está habituado, correr risco, se mostrar capaz de algo perante determinado grupo também determinam a prática corporal a ser realizada por determinado grupo e de determinada forma. O prazer pode se dar pela vitória na competição, pelo contato livre e direto com a natureza, pelo momento o qual se realiza, ou simplesmente pela socialização que ocorre devido a determinada prática.

Não importam os escritores, historiadores, romancistas, poetas, o fato é que as práticas corporais permanecem em um estado acessório de ocasiões para expor e ilustrar as ideias de identidades nacionais, como o bem, o belo, a natureza do homem, seus vícios e suas virtudes. Se configuram como sujeito e objeto no âmbito das relações que o homem estabelece na sociedade (MANDELL, 1986).

Essa fonte de prazer, possivelmente, é mais significativa nos lugares os quais aquilo que é praticado está diretamente inserido culturalmente, talvez por esse motivo que a mesma prática possui significados diferenciados quando, por exemplo, é praticada dentro e fora dos muros escolares. Há de ser mencionado que práticas de lazer, na maioria dos casos, não são instruídas e sendo elas livres e sem regras não há limitações/regras impostas por agentes externos, o que pode tornar a Educação Física escolar um limitador da prática corporal pura, livre e culturalmente significativa.

O fato é que a prática corporal é uma necessidade do ser humano, emoções, riscos, tristezas e alegrias delas provenientes são fundamentais. Cada grupo ou sociedade usa de determinada prática para dar vazão a certos desejos que o mundo contemporâneo não consegue nos proporcionar. Cabe então saber qual a representação que há sobre essa prática para esse ou aquele grupo, de que forma ela se manifesta e quais as implicações disso no momento de lazer de cada um.

Aqui o alvo deste questionamento é a juventude urbana presente na escola: procuro compreender as representações destes sujeitos acerca das práticas corporais e, diretamente ligadas a isso, como se relaciona a Educação Física escolar. Entender, ou tentar entender, estas representações pode nos ajudar, a saber, como o aluno contemporâneo simboliza a Educação Física e as práticas

corporais. Compreendendo esses significados temos como nos conectar a uma juventude com diferentes necessidades de gerações passadas, como as transformações na Educação Física escolar nos últimos anos são vistas por eles, e como determinadas práticas e ações docentes são vistas e interpretadas pelos escolares do ensino médio.

2.3 JUVENTUDE

Descrever um conceito único, conciso e sintetizado para o termo juventude é muito complicado. A juventude não é baseada apenas em contextos cronológicos, se fosse baseada apenas em anos de vida, seria bem mais fácil discorrer sobre o tema. Porém o desenvolvimento físico, e psicológico dos indivíduos também deve ser levado em conta, assim como outros pontos os quais cada sociedade, ou grupo social determina. Portanto representa a sua juventude à sua forma.

A juventude não é um fenômeno puramente natural, mas também social e histórico, portanto pode ter seu começo marcado por um ponto na vida do indivíduo, em determinado momento onde se começa a assumir responsabilidades, e é necessária menos proteção da família e se busca independência.

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social (DAYRELL, 2003, p. 42).

Ainda segundo Dayrell (2003), a adolescência é uma peça chave, pois representa o momento do início da juventude, no qual o núcleo central é constituído de mudanças do corpo, dos afetos, das referências sociais e relacionais. Na adolescência se vive de forma mais intensa, se vive mudanças que de certa forma estarão presentes no resto da vida do sujeito. Assim como carrega significados simbólicos de potencialidade e fragilidade da construção cultural. Ressaltam-se as inquietudes entre maturidade e imaturidade sexual, falta e aquisição de autoridade e de poder.

Nesse sentido, a adolescência parece estender-se acima das definições em termos de idade e começa a coincidir com a suspensão de um compromisso estável, com um tipo de aproximação nômade em relação ao tempo, espaço e cultura.

Estilos de roupas, gêneros musicais, participação em grupos, funcionam como linguagens temporárias e provisórias com as quais o indivíduo se identifica e manda sinais de reconhecimento para outros (MELLUCI, 1997, p.9).

A juventude pode ser entendida como uma representação social elaborada por uma sociedade, determinado grupo social, ou pelo próprio indivíduo. Por significar uma série de atitudes e comportamentos a ele atribuídos, torna-se, portanto muito mais significativo do que apenas uma série de mudanças corporais.

As pessoas permanecem jovens dentro de um intervalo de tempo cada vez maior, não tendo a faixa etária na qual se encontram como fator preponderante para isso, mas valorizando, apenas, a vontade e a satisfação em vivenciar determinadas características existentes, exclusivamente, no período da juventude. A enorme diversidade cultural que promove uma ampliação do limite do imaginário que cada um de nós é capaz de exercer. Os fatores físicos e biológicos, que a pouco determinavam com exatidão o início e o fim do ciclo juvenil, passam a não ter o mesmo significado no imaginário individual atual.

Embora normalmente vista como um momento de transição entre a infância e a vida adulta há a necessidade de definir a juventude como uma etapa social fixa. Pois é uma condição transitória e provisória que carrega significados simbólicos de potencialidades e fragilidade da construção cultural. Groppo (2010) destaca a ideia de que as categorias etárias se tornam cada vez mais estilos de vida e a juventude torna-se uma parte da vida humana que constitui uma identidade cultural própria, muito mais que uma fase passageira.

Entretanto o jovem não pode ser visto de forma homogênea, visto que o jovem tem a necessidade da socialização. As “tribos”, como são chamados os grupos de jovens, constituem o espelho da identidade individual, um meio através do qual fixam semelhanças e diferenças em relação uns aos outros. Suas práticas, portanto, se norteiam de acordo com os objetivos de determinados grupos, derivando da absorção de ideias e influências internas e externas. Pode ocorrer práticas de delinquência, intolerância e agressividade, assim como outras, orientadas para a mobilização cidadã em torno da realização de ações solidárias, ou simplesmente passagem de momentos sociais agradáveis (DAYRELL, 2007).

Não podemos esquecer o aparente óbvio: eles são jovens, amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito das suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se diante dela, possuem desejos e propostas de melhorias de vida. Na trajetória de vida desses jovens, a dimensão simbólica e expressiva tem sido cada vez mais utilizada como forma de comunicação e de um posicionamento diante de si mesmos e da sociedade (DAYRELL, 2007, p. 1109)

O jovem não é mais apenas um consumidor de cultura juvenil, mas não é raro o jovem como produtor de cultura juvenil, na qual ele olha a si mesmo para produzir, e não somente usufruir, músicas, danças, etc. É na área da cultura que se torna visível as representações e simbologias que o jovem tem sobre sua própria identidade jovem. A manifestação de pensamentos e ideias como forma de afirmação é evidente, já que longe da vista de pais, professores e outros agentes reguladores o jovem pensa, fala e age exclusivamente para seu grupo.

Essas manifestações, como expressões simbólicas da sua condição, são externadas na diversidade em que se constituem, ganhando visibilidade por meio dos mais diferentes estilos, os quais usam o corpo, como seu principal “outdoor” para mostrar suas marcas e características, seja no vestuário, marcas corporais (brincos, *piercings*, tatuagens, cortes e coloração dos cabelos...). É interessante lembrar que as práticas corporais também podem ser vistas como meio de se legitimar o jovem dentro de um grupo, seja pelas adaptações morfológicas decorrentes de determinada prática corporal, seja por praticar com domínio do movimento, ou por seu ar transgressor, pelo simbolismo, ambiente e outros elementos ligados a determinada prática.

Segundo Carrano (2009) cresce no Brasil a percepção de instituições, investigadores sociais e educadores acerca da necessidade de pensar criticamente a relação pessoal e coletiva entre jovens e escolas. Cabe lembrar ainda que os jovens estudantes vão deixando de ser percebidos apenas como alunos e passam a ser enxergados a partir de identidades específicas que remetem ao sensível, ao corpóreo, à expressividade cultural e estética.

Portanto é de grande significado compreender as representações sociais dos jovens urbanos sobre as práticas corporais desenvolvidas nas aulas de Educação Física. Representações essas que permitem a partir do que o indivíduo diz, inferir suas concepções de mundo e, também, deduzir sua orientação para a ação.

É preciso analisar e ponderar que são pessoas inseridas em um meio histórico, com determinada realidade familiar, em uma idade de grandes expectativas acerca do futuro, diferentes dificuldades e ainda assim com um nível de percepção crítica daquilo que acontece à sua volta. Sem cair em um grande, porém comum engano, que é tomarmos a nossa própria experiência de juventude para estabelecer quadros comparativos com os jovens de hoje.

Sabe-se que as representações sociais são elementos simbólicos que as pessoas expressam mediante o uso de palavras e gestos. No caso do uso de palavras, utilizando-se da linguagem oral ou escrita, as pessoas explicitam o que pensam, como percebem esta ou aquela situação, que opinião formulam acerca de determinado fato ou objeto, que expectativas desenvolvem a respeito disto ou daquilo e assim por diante (FRANCO e NOVAES, 2001, p. 172).

O entendimento destas representações sociais pode nos levar a entender certas atitudes acerca da Educação Física escolar, sobre como é vista pelo jovem e como é tratada por ele. De que forma ela toca os seus alunos e como a prática corporal por ela estimulada permite o crescimento do sujeito. Se o fato de ser em espaço escolar ou não interfere nessa simbologia, e ainda no que o jovem está mais interessado no que se refere ao componente curricular Educação Física.

2.4 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A Educação Física no Brasil desenvolveu-se durante o século XX, proporcionando a educação higienista, a educação eugenista e a educação esportiva. No início do século passado a Educação Física higienista estava em voga. Com ela vinha a concepção do homem como um ser biológico, sua fundamentação de prática dá-se nos conhecimentos anátomo-fisiológicos, e sua metodologia vinculada a medicina. Os militares aplicadores desse método ginástico, também aplicavam, simultaneamente, o significado eugenista da Educação Física. Esse último o qual objetivava a regeneração do povo e o desenvolvimento de sua raça, a brasileira (CORRÊA E MORO, 2004).

A partir dos anos 50 a Educação Física é influenciada pelo esporte, mantendo sua hegemonia até os dias de hoje. Com isso a Educação Física escolar torna a enfatizar princípios de rendimento, competição, regulamentação rígida e racionalização de meios e técnicas (CORRÊA E MORO, 2004).

Nas últimas décadas tem ocorrido uma mudança na Educação Física escolar, com o aprofundamento dos conceitos teóricos e o meio acadêmico aumentando as disciplinas que refletem sobre a atuação e os objetivos docentes da área, os professores de Educação Física se veem com um leque maior de atividades, conteúdos programáticos e sobretudo responsabilidade sobre o que passar à seus alunos.

Com a promoção da Educação Física a componente curricular da educação básica e o entendimento da cultura corporal como linguagem expressa por meio de jogos, danças, esportes, ginástica entre outras expressões houve uma influência significativa para o redimensionamento pedagógico da Educação Física brasileira. Notadamente no que diz respeito ao critério de organização do conhecimento e seu vínculo com a cultura, desnaturalizando a compreensão de corpo e movimento predominantes até então.

Contemporaneamente, constata-se a inserção de diversos critérios de organização no conhecimento da Educação Física brasileira. Os conteúdos em âmbitos de conceitos, práticas e atitudes e a formulação dos Parâmetros Curriculares Nacionais em 2000, nortearam a Educação Física escolar e ressignificaram a atuação docente. Não há como negar que ainda há a manutenção de alguns critérios de avaliação e, portanto de prática nas aulas, tais quais aptidão física, desenvolvimento motor, psicomotricidade. Mas o fato é que atualmente a intervenção pedagógica da Educação Física considera muito mais alguns fatores, que há pouco tempo atrás eram desprezados.

Para refletir sobre a prática pedagogia atual é necessário passar pela capacitação do corpo docente ligado a área. As mudanças ocorridas na escola durante esse tempo passaram também pelos currículos das instituições superiores as quais capacitam os profissionais. O professor mais capacitado e preparado para lidar com as mudanças e as tendências do processo pedagógico atual é mérito de um meio acadêmico cada vez mais voltado para o assunto e, de certa forma, insatisfeito com a metodologia de ensino praticada até então. Se há como dizer que a Educação Física melhorou, essa melhora é o fruto de um meio acadêmico incomodado com a atuação dos professores de Educação Física no âmbito escolar.

A atuação profissional é, sem dúvida, um assunto interessante e conflituoso para indicar ou não determinada “qualidade de ensino” no

contexto escolar. Sendo assim, é preciso identificar vários componentes desse processo, como: objetivos, conteúdos, métodos e estilos de ensino utilizados, atividades desenvolvidas, relações entre professor e alunos, materiais, avaliação e a satisfação que estas aulas proporcionam aos educandos, tornando-se essas informações subsídios para discussões e reflexões mais críticas dos próprios educadores em relação a sua intervenção no processo ensino-aprendizagem (FOLEE et. al. 2005, p.1).

É possível pensar, portanto que a ação docente gera um reflexo na satisfação e motivação dos alunos. A conduta do professor e seu estímulo aos alunos facilita o processo de autonomia dos mesmos em relação à prática de atividade física, para que futuramente eles possam manter uma prática regular sem o auxílio de um especialista, se assim desejarem (RANGEL-BETTI, 1992).

O professor, no desempenho de sua função, pode deixar marcas de grande significado nos alunos em formação. Ele é responsável por muitos descobrimentos e experiências que podem ser boas ou não. Como facilitador, deve ter conhecimentos suficientes para trabalhar tanto aspectos físicos e motores, como também os componentes sociais, culturais e psicológicos. (GALVÃO, 2002).

De maneira geral a escola e a disciplina de Educação Física em particular, podem assumir a incumbência de desenvolver programas que levem os educandos a perceberem a importância de se adotar um estilo de vida saudável, fazendo com que a atividade física como promoção da saúde possa se tornar um hábito (GUEDES, 1999).

Sabendo que a Educação Física escolar é uma porta de entrada para as práticas corporais na vida adulta e a satisfação gerada no aluno seria de grande importância para que esse cultivasse um hábito de exercícios físicos após o término da escola básica, o estudo de Lovisolo (1995) citado por Betti e Liz em (2003) mostra que as três primeiras disciplinas de que alunos mais gostam são: Educação Física, Matemática e Português. Um dado interessante é que a Educação Física aparece em primeiro lugar na relação das disciplinas que os alunos mais gostam; entretanto está em sétimo entre as consideradas mais importantes. As seis mais importantes são: Matemática, Português, Ciências, História, Geografia e Inglês.

Os escolares possuem uma imagem fortemente valorizada da Educação Física, e veem na sua prática um aspecto positivo, encontrando mais liberdade do que constrangimento, mais alegria do

que tristeza, mais interesse que aborrecimento, mais beleza que feiura, mais prazer que sofrimento (BETTI e LIZ, 2003, p.137).

Para a conscientização da prática de Educação Física Guedes (1999) lembra que, se o objetivo é conscientizar os educandos de que os níveis adequados de aptidão física relacionados à saúde devem ser algo a ser cultivado na infância e na adolescência, e perseguido por toda a vida, é imprescindível que as crianças e os jovens tenham acesso a informações que lhes permitam estruturar conceitos mais claros quanto ao por que e como se inserir nas práticas corporais, e não praticar atividade física pelo simples fato de praticar.

É importante para que haja essa conscientização, um levantamento sobre qual a imagem da Educação Física Escolar para os próprios alunos. Rangel-Betti (1992) procurou analisar as expectativas dos alunos em relação à disciplina de Educação Física na escola. Os resultados mostraram que os alunos identificam o professor como o principal responsável pelo gostar ou não da disciplina.

Silva (1992) citado por Galvão (2002) relaciona algumas características básicas do professor bem-sucedido na prática pedagógica, sendo estas: domínio do conteúdo e metodologia; envolvimento e apropriação da realidade dos alunos; e caráter reflexivo do trabalho docente. No mesmo estudo a autora citou ainda algumas características desses professores que são interessantes de serem lembradas, tais quais: Conhece seus alunos e adapta o ensino às suas necessidades, incorporando a experiência do aluno ao conteúdo e incentivando sua participação; Fundamenta o conteúdo na unidade teórica-prática; Comunica aos alunos o que espera deles e por que (tem objetivo claro); Integra seu ensino com outras áreas.; Demonstra interesse, entusiasmo, vibração, motivação e/ou satisfação com o ensino e seu trabalho, valorizando seu papel; É afetivamente maduro (não, “bonzinho”); Conhece a experiência social concreta dos alunos e possui visão crítica da escola e de seus determinantes sociais.

Betti (1995) constatou que os colegas, o professor, o conteúdo e as condições de infraestrutura escolar são os principais fatores que contribuem para o alcance do prazer por parte dos alunos nas aulas de Educação Física. A figura do professor é de extrema importância, uma vez que é ele geralmente responsável pela organização das aulas e escolha dos conteúdos.

Entretanto, em trabalho realizado nos Estados Unidos por Vanreusel et al. (1997), citado por Darido (2004), foram investigados os motivos que levam os alunos a se afastarem das aulas de Educação Física no ensino médio. Os resultados mostraram que 73% dos 1.438 alunos, não participavam das aulas, devido à percepção de baixa qualidade dessas, sendo que eram sempre iguais, sem criatividade, além de enfatizar sempre o papel do vencedor. Nota-se, portanto que o corpo discente das aulas de Educação Física observa, analisa e responde aos acontecimentos das aulas.

Para ter uma melhor análise das aulas de Educação Física acerca do cumprimento de objetivos, metodologia de ensino e se esta por sua vez consegue imprimir em seus alunos uma cultura corporal de movimento, é necessário ouvi-los, compreendê-los. Suas experiências passadas, sejam elas na escola ou em ambientes fora dela, são os recursos que os alunos possuem para compreender e então exprimir tais representações “Os alunos possuem, na maioria das vezes, opinião formada sobre a Educação Física baseados em suas experiências pessoais anteriores.” (DARIDO, 2004, p.77). Sabendo disso poderemos então continuar empreendendo esforços numa melhora da qualidade da Educação Física escolar, melhora essa que é necessária para todos, tanto alunos quanto professores.

Conhecer as representações sociais que os jovens têm sobre a Educação Física e as práticas corporais torna-se fator bastante importante para que essa melhora ocorra. Entender como o jovem urbano significa e simboliza as aulas, e principalmente o componente curricular são preponderantes para que a Educação Física atenda seus objetivos, cumpra seus conteúdos e se remodele, se necessário for, para alcançar as necessidades desse público. Compreendendo estes fatores torna-se significativamente mais acessível construir nos jovens uma cultura corporal de movimento, estimulando-os a manter as práticas corporais, talvez por boa parte de sua vida.

3 METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO

Este trabalho caracteriza-se como um estudo descritivo. Portanto visa observar, registrar, analisar e correlacionar fenômenos ou fatos de determinada população. Consiste na análise e descrição de características e certas propriedades e as relações entre estas propriedades em determinado fenômeno (GIL, 2002). Entendo que um estudo descritivo se adequa melhor ao problema de pesquisa, visto que valoriza que os colaboradores expressem de maneira verbal suas opiniões, pensamentos e inquietações, além de estimular a interação entre os participantes.

Dessa forma optei por uma pesquisa qualitativa de natureza descritiva, na qual a obtenção de dados se dá mediante contato direto do pesquisador com a situação e o objeto de estudo. Nas pesquisas qualitativas o pesquisador procura entender os fenômenos segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, então, situar suas interpretações.

3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

O estudo foi realizado em duas escolas estaduais de Porto Alegre, localizadas em pontos diferentes da cidade. A primeira situa-se na zona norte da cidade, no bairro Passo D'areia. Possui turmas nos níveis infantil, fundamental e médio com aulas nos três turnos, manhã, tarde e noite. Conta com aproximadamente mil alunos, contando todos os níveis de ensino e turnos. O nome da escola, assim como dos colaboradores serão mantidos em sigilo, sendo que para o nome da escola utilizarei nome fictício, de Escola Aprendizagem.

A segunda escola pesquisada localiza-se em um local centralizado da cidade de Porto Alegre. Situa-se próximo a um grande ponto de ônibus o que torna a escola frequentada por alunos advindos de pontos diferentes, mas principalmente da zona sul da cidade. Conta com grande número de alunos e grande espaço físico, além de quadras abertas e ginásio fechado. O nome da escola, assim como dos colaboradores serão mantidos em sigilo, sendo que para o nome da escola utilizarei nome fictício, de Escola Novos Ares.

Os estudantes que foram ouvidos na pesquisa estão no 3º e 2º ano do ensino médio e possuem idade entre 16 e 19 anos. Possuem aparentemente um bom nível socioeconômico, têm bom acesso a parques e praças públicas.

A escolha pela escola Aprendizagem se deu pelo fato de haver realizado o Estágio de Docência em Educação Física no ensino médio na escola e, portanto, ter estabelecido vínculos tanto com os alunos, como com a direção da escola e com o professor de Educação Física.

Já a escolha pela escola Novos Ares se deu pelo fato de um grande amigo estar realizando Estágio de Docência em Educação Física no ensino médio na referida instituição e me oportunizar a chance de realizar a coleta de informações na sua turma de estágio.

3.3 INSTRUMENTOS E MATERIAIS NA COLETA DE INFORMAÇÕES

Para a coleta de dados foi utilizado o grupo focal, uma vez que este procedimento estimula e propicia a interação entre seus/suas participantes. Este caráter interativo dos grupos focais facilita o desenvolvimento de estudos que buscam entender atitudes, preferências, necessidades e sentimentos; ou quando se investigam questões complexas relacionadas a dificuldades, necessidades ou conflitos não claros ou pouco explicitados (DAMICO, 2006).

O grupo focal utiliza encontros grupais para a obtenção de dados sobre questões específicas de interesse do pesquisador, a partir de discussões onde os/as participantes podem expressar, nos seus próprios termos, experiências, pontos de vista, crenças, valores, atitudes e representações (DAMICO, 2006, p.41).

Ainda segundo Damico (2006) há algumas características comuns para a formação dos grupos focais: o número de participantes pode variar entre 6 e 15 pessoas; sempre é conduzido por um moderador e pode ser acompanhado por um observador acompanhante; no final da reunião a gravação das atividades é transcrita para fins de dar conta do processo analítico.

Com o grupo focal, minha pretensão foi aprofundar o nível de informações obtidas, uma vez que já conhecia uma das escolas e havia convivido com os estudantes, esclarecendo pontos através da escuta da argumentação dos jovens para aprimorar algumas interpretações.

As informações advindas do grupo focal foram gravadas na forma de áudio por um gravador Panasonic, modelo RR-US450 e posteriormente transcritas.

3.4 PROCEDIMENTOS NA COLETA DE INFORMAÇÕES

O projeto de pesquisa foi submetido a avaliação pela Comissão de Pesquisa (COMPESQ) da ESEF-UFRGS, emitindo parecer favorável a realização do estudo.

Na escola Aprendizagem, onde realizei o Estágio de Docência no Ensino Médio, fiz contato pessoal com a direção do estabelecimento. Agendei um encontro na qual solicitei a permissão para a realização da pesquisa, apresentando uma carta em nome da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, devidamente preenchida, solicitando autorização para que os alunos participassem da pesquisa. Apresentei aos jovens o termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) anterior a gravação do grupo focal. Tanto a escola como os estudantes foram bem receptivos com a pesquisa.

Organizei os grupos focais de formas diferentes em cada escola. Na escola Aprendizagem, devido ao vínculo que já estava formado e como já conhecia os alunos escolhi os colaboradores por questões que envolviam: poder de oratória, capacidade de dialogar, conhecimento sobre o tema da pesquisa e portarem opiniões divergentes para assim fomentar a discussão. No começo a ideia era trabalhar com seis alunos, sendo três homens e três mulheres, entretanto como realizei o grupo focal no período da aula de Educação Física, alguns alunos preferiram participar da pesquisa em detrimento da aula. No decorrer do debate alguns alunos voltaram à sala o que ocasionou um número aproximado de 12 alunos. Todavia, as principais falas originaram-se dos colaboradores originais. Sendo eu o moderador da discussão e tendo como auxílio, na forma de observador participante, meu colega de estágio na época.

Já na escola Novos Ares a formação do grupo focal se deu de outra forma. Como não conhecia os alunos e não teria como escolher os colaboradores previamente, a confecção do grupo se deu pelos alunos que não realizariam aula de Educação Física no dia. Mesmo com tal adversidade o grupo ainda sim foi composto pela mesmo número de participantes da escola Aprendizagem e da mesma forma, com três homens e três mulheres. Fui o moderador da discussão e tive auxílio, como observador participante, do acadêmico da Escola de Educação Física da UFRGS,

que trabalhava como observador daquela turma no Estágio em Docência do ensino médio em 2012/2.

3.5 TRATAMENTO DAS INFORMAÇÕES

Após a coleta de informações, dei início à fase de discussão dos resultados através da análise de conteúdo. Ao longo deste processo busquei construir categorias de análise de forma a construir argumentos e interpretações que me permitissem responder o problema e as questões de pesquisa.

Assim sendo comecei o tratamento das informações com a transcrição do áudio dos grupos focais. Com isso, li e reli com atenção as transcrições destacando os temas mais relevantes à temática do trabalho. Agrupei as falas dos colaboradores de acordo com sua proximidade temática. Com os temas agrupados formulei as três categorias que pareciam ser coerentes com o problema de pesquisa, assim como com as informações. Distribui as falas nas suas devidas categorias e então analisei e discuti as falas, dialogando com a literatura e com questões de pesquisa.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES

Tendo como base as falas dos jovens busquei interpretar e analisar suas Representações Sociais acerca das práticas corporais e também das aulas de Educação Física através de suas experiências anteriores, que incluíam diversos setores de sua vida: como academia, casa e também a escola, o que gerou uma riqueza de informações.

A partir dos discursos dos alunos durante a coleta de informações no grupo focal e apoiado na literatura a respeito do tema, construí três categorias de análise: o que pensam os jovens sobre as práticas corporais; práticas e contextos que mobilizam e afastam os jovens da Educação Física escolar; Educação Física e as práticas corporais na juventude. Na sequência, apresento-as e discuto-as.

4.1 O QUE PENSAM OS JOVENS SOBRE AS PRÁTICAS CORPORAIS

Os encontros que tive com os jovens me permitiu aprofundar a compreensão de um aspecto já levantado quando da realização dos questionários. Os jovens ligam a Educação Física escolar a uma prática sem conteúdo, onde o mais importante que seus conhecimentos, de seus saberes, é o fato de realiza-la próximo a amigos, de maneira recreativa. A fala da estudante Daniela ilustra um pouco desta argumentação:

*E o que eu gosto é de fazer (prática corporal) sempre com uma pessoa junto, e no colégio isso acontece, por isso que eu gosto.
(DANIELA, 16 anos, estudante do 3º ano do Ensino Médio)*

O discurso de Daniela explicita características das práticas corporais, que quando vistas representando ou manifestando a cultura corporal de determinado grupo, carregam os significados que as pessoas lhes atribuem. A organização cultural na lógica do acolhimento está muito clara. O exercício não é impessoal, está ligado as pessoas e a determinadas pessoas que tornam tal prática lúdica e geram a sensação de bem-estar (CARVALHO, 2007).

Cabe pensar que as práticas corporais são preferencialmente realizadas acompanhadas, pois o jovem tem a necessidade de manifestar-se em grupo. Além

disso, é impossível pensar o adolescente distante das novas tecnologias o que o coloca mais próximos de seus pares em tempo real, independente da distância. Assim como Jackson que anda de skate pelas ruas de Porto Alegre com seus amigos e grava vídeos para a divulgação de sua prática.

A gente pode gravar vídeos, como eu gravo. A gente se diverte e tudo. É bem melhor andar com as pessoas do que ficar sozinho (Jackson, 15 anos, estudante do 2º ano do ensino médio)

É relevante lembrar que o jovem não é mais apenas um consumidor de cultura juvenil, mas também produtor de cultura juvenil, na qual ele olha a si mesmo para produzir, e não somente usufruir de roupas, estilos, práticas, etc. É aí que se torna visível as representações e simbologias que o jovem tem sobre sua própria identidade. A manifestação de pensamentos, ideias e práticas como forma de legitimação é nítida, já que longe da vista de pais, professores e outros agentes reguladores o jovem pensa fala e age exclusivamente para seus semelhantes.

Diferentemente das práticas realizadas fora da escola, nas aulas de Educação Física há um professor que regula as atividades, modalidades e conteúdos com mais centralidade nas suas aulas. Talvez passe por essa regulação exercida o tom de desinvestimento na disciplina. Essa ideia é reforçada pelo desejo dos próprios estudantes escolherem o conteúdo a ser vivenciado nas aulas, portanto interferindo na autonomia do professor quanto a conteúdos, tarefas e organização das aulas. No entanto, nem entre eles há um consenso de esportes/modalidades que devem ser praticados.

Quanto às práticas corporais a serem realizadas dentro e fora dos muros escolares há um consenso: os jovens acreditam que nas aulas de Educação Física dentro da escola o aluno faz de modo obrigatório; é muito o usado o termo “valer nota”. Ou seja, o sentido mais relevante da Educação Física parece ser o seu valor de aprovação e reprovação e menos a contribuição de seus saberes. Já nas práticas fora da escola, argumentam que os que fazem, desejam se aprimorar em determinada prática e por isso se esmeram mais, dedicam mais tempo e esforço àqueles momentos. Portanto parece existir uma visão de projeto, de continuidade e de progressão nas práticas corporais vividas, coisa que a Educação Física escolar não têm oferecido. Inclusive quando questionados se pudessem optar por realizar determinada prática que tem maior apreço fora da escola ou dentro, a escolha é pela

realização fora do ambiente escolar. Túlio expressa bem esse sentimento em seu discurso:

Eu já fiz tae-kwon-do, por exemplo. É uma coisa bem mais puxada. Tu estás se focando só naquilo. Educação Física já é uma coisa que tu faz para ganhar nota, faz futebol, handebol e vôlei. Tu não te foca muito numa coisa só. (TÚLIO, 17 anos, estudante do 3º ano do Ensino Médio)

Como a Educação Física, como componente curricular, se propõe a estimular o aluno a vivenciar diversas práticas acaba por não aprofundar apenas uma única modalidade. O que pode ser visto como algo positivo por um ponto de vista, já que há a oportunidade de experimentar, conhecer e se conhecer através de várias práticas. A pluralidade de movimentos, expressões e características das aulas propicia ao indivíduo possuir um repertório motor muito amplo, assim como ter conhecimento sobre um grande número de atividades corporais.

Contudo, igualmente pode ter seu lado negativo, como o exposto na fala de Túlio. Em um determinado momento o jovem do ensino médio espera, após vivenciar diversas modalidades, poder se especializar naquela que mais lhe agrada, a prática que significa algo para ele. É interessante lembrar que as práticas corporais também podem ser vistas pelos jovens como forma de se legitimar dentro de um grupo, pelo simbolismo, ambiente e outros elementos ligados à determinada prática. A formação de pequenos grupos dentro do ambiente juvenil ocorre pelas semelhanças e diferenças entre eles. Portanto a prática corporal pode sim ser um delimitador de tribos, tal qual músicas, vestuário, ideais e influências.

Nesta última fala ainda há explícita mais uma condição da Educação Física escolar como prática corporal, a sua obrigatoriedade. O principal fator de diferença entre a prática que acontece em outros âmbitos que não a escola é o desejo do aluno em estar naquele local. Os estudantes do ensino médio percebem que por mais que possam escolher os conteúdos, que haja uma relação interpessoal mais profunda entre eles dentro da escola, ainda assim a prática tem que ser acompanhada por um desejo, uma sensação de bem-estar. Túlio não é o único com esse ponto de vista, o estudante Anderson fala claramente sobre o desejo na prática escolhida e a motivação diferenciada em relação às aulas na escola, que sem representar nada para ele, acaba virando uma obrigação, assim como os outros componentes curriculares.

No colégio ela é mais uma obrigação para alguns. Tu precisa fazer para passar. O esporte que tu faz – a academia, a luta, enfim – tu tá fazendo lá porque gosta, porque tu queres, então tem seu valor (Anderson, estudante do 3º ano do ensino médio)

Esse discurso de Anderson registra de maneira clara e evidente que as práticas corporais para serem plenas têm a necessidade de contemplar o sujeito além do âmbito físico e biológico. Portanto, não se trata apenas de um contador de queima de calorias. As práticas corporais expandem o conceito de atividade física, agregando valores e significados às práticas. Há com o termo práticas corporais um caráter interdisciplinar, completo e integral do sujeito, no qual o movimento é realizado dentro de um contexto, com uma determinada função, forma e objetivo.

Há de se pensar, portanto que fora da escola a prática corporal realizada pelos jovens, estudantes escolares pode ser intensa e produtiva no que tange a ganhos motores e relacionamentos sociais além dos aspectos psicológicos e filosóficos. Entretanto esse desejo pela prática, conectado a uma sensação de bem-estar não é visto com tanta frequência assim. Parece haver um desinteresse pela prática corporal e o desejo mostrado na Educação Física escolar não parece ser diferente em práticas realizadas fora do âmbito escolar. A aluna Jéssica fala bem sobre isso, relata que mesmo com uma rede de amigos, tentar organizar um jogo é tarefa árdua para ela:

Mesmo tendo amigos e praticando esportes, a gente não consegue levar para fora do colégio. Tu tenta fazer um jogo, convida para fazer um jogo e ninguém vai. Na verdade, não sei porque. Nas vezes que eu chamei, tentei organizar, ninguém foi. É questão de principio, valor. O pessoal não usa fora do colégio, acaba sendo uma obrigação mesmo. Às vezes até gosta muito, mas não deixar de ficar em casa para ir jogar. (Jéssica, 17 anos, aluna do 3ºano do ensino médio)

Quando ela cita que os alunos não utilizam o que aprendem, os conhecimentos adquiridos nas aulas de Educação Física, tocam em um tema sensível para a área: uma utilidade das aulas de Educação Física na escola. Em um momento que o aluno necessita dos conteúdos, saberes e teorias das outras matérias, a Educação Física não ganha tanta relevância.

No ensino médio quando o número de disciplinas aumenta, o rigor das avaliações torna-se maior e a preocupação com o vestibular é clara, a prática corporal perde espaço na vida dos estudantes. Quando passam a ter outras preocupações a tendência é diminuir, ou até mesmo eliminar o tempo destinado a realização de práticas corporais. Essa característica pode diagnosticar o grau de importância investido às práticas durante a juventude.

Quando a gente passa a ter mais matérias, a gente passa a ter que estudar mais. Passa a trabalhar, a se preocupar com o vestibular. A gente muda a nossa rotina totalmente. Acordo cedo, trabalho de tarde e fico cansado para fazer alguma coisa à noite. (Cassiano, 15 anos, estudante do 2º ano do ensino médio)

Para que o aluno, ainda sim, realize tal prática e a torne parte integrante de sua vida, para que haja uma relação de aderência do indivíduo com a prática corporal, para que se crie o hábito da cultura corporal de movimento é necessário que a Educação Física seja mais atrativa aos alunos. A disciplina poderia investir em formas para produzir desejo em seus alunos. Isso pode ser alcançado com técnicas novas, trabalhando experiências e práticas corporais que instiguem o jovem a refletir sobre o seu corpo e como desenvolve-lo. Se o jovem pensa que fora da escola ele pode se aprofundar em determinada prática, ao menos que a Educação Física escolar de subsídios para que ele tenha desejo de prosseguir praticando.

Para isso só a prática não basta, é necessário que compreendam temas que perpassam a prática corporal e que compreendam como ela atua em outros momentos da vida, que não apenas durante os anos escolares. A aprendizagem é uma construção pessoal que permite atribuir significados a um determinado objetivo de ensino, que só torna-se efetivo quando o que se aprende tem significado, é útil e pode ser possível estabelecer um vínculo com o cotidiano (DEVIDE e RIZZUTI, 2001).

Infelizmente não é assim que acontece em algumas escolas. Por vezes, ao chegar nos últimos anos escolares o aluno percebe que as aulas começam a se repetir e tornam-se desmotivantes ao jovem. O desinvestimento já notado pode ser ainda maior se a prática não propuser novidades e desafios. O ser humano, sobretudo na juventude, necessita que a prática corporal seja norteadada por fatores que extrapolem as justificativas biológicas. É preciso que a proposta pedagógica invista em elementos inovadores e desafiantes. Caso essa proposta esteja carente

de bons argumentos e se torne rotineira há uma tendência a não realização. A estudante Patrícia explicita tal fato em seu discurso:

Tu precisas expressar um sentimento. Tem até gente que faz uma atividade física justamente pra isso. Eu acho que quando tu ficas muito tempo fazendo a mesma coisa, ela deixa de ser motivadora. Se for pra jogar vôlei sempre, prefiro não jogar. Eu acho que sempre que tu entra para alguma coisa nova, tem que sempre renovar. Não sempre ficar na mesma coisa. Tem que ter uma evolução. (Patrícia, 16 anos, estudante do 2º ano do ensino médio)

Nessa manifestação torna-se claro um dos meios como o jovem trata a prática corporal e uma das formas como ele a relaciona com a sua vida. A depreciação da prática corporal por parte do aluno pode surgir devido a uma constância e monotonia das mesmas. É elementar, portanto, proporcionar alternativas de práticas corporais na busca de trabalhar o ser humano de forma mais ampla, permitindo aos envolvidos que sejam participantes ativos no processo de aprender e fazer. Tornando-os assim apreciadores e produtores de novas formas de trabalhar o corpo.

O jovem pensa as práticas corporais como algo importante, necessário e prazeroso. A simbologia da prática corporal perpassa o objetivo conectado a saúde, estético ou rendimento. O que toca com mais profundidade o adolescente é a sensação obtida com tal prática, assim como as pessoas e amigos igualmente ligados à ela. Não só a prática corporal, mas o espaço em que é praticada, os companheiros e a forma na qual é praticada são fatores importantes para o jovem. O coletivo é muito importante nessa área, assim como nas outras.

Entretanto com o excesso de compromissos, a falta de tempo, acaba por desprestigiá-la em detrimento de outros afazeres. Na escola pública há um número maior de alunos trabalhadores, isso pode ser um fator de distanciamento dos alunos na prática realizada nos outros momentos de sua vida. Faz-se necessário entender as causas e razões para um afastamento prematuro do adolescente à prática corporal. Compreender este fato e mobilizá-lo a permanecer realizando-a é um passo importante para que haja o processo de aderência, assim como a consolidação da cultura corporal de movimento.

Por fim, embora o pensamento do jovem seja complexo e multifacetado posso tecer algumas considerações sobre o que os colaboradores explanaram. As práticas

corporais, para o jovem, necessitam criar momentos agradáveis, seja pela companhia de amigos, seja pela continuidade e evolução de técnicas e de seu rendimento em tal modalidade, ou por conhecer, entender e praticar novos exercícios. Ora por ser a mais cansativa fisicamente, ora por ser menos prestigiada em relação a estudos ou trabalho, independente do fator, o fato é que há uma queda na prática do jovem a partir do momento em que começa a somar compromissos no seu dia e novas tarefas a cumprir.

Para que o aluno, mesmo com tais adversidades, se torne um adepto das práticas corporais no decorrer da vida há de se ressignificar as aulas de Educação Física escolar. Torná-las mais atrativas é um grande passo inicial, o excesso de repetições de atividades e exercícios também desgasta tal disciplina. O jovem tem um pensamento crítico sobre as referidas práticas e a maior parte do que pensa sobre o tema é decorrente de suas experiências passadas, portanto, diretamente conectadas à Educação Física escolar.

4.2 PRÁTICAS E CONTEXTOS QUE MOBILIZAM E AFASTAM OS JOVENS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Um dos desdobramentos da discussão que fiz com os alunos acerca das práticas corporais trata dos contextos que mobilizam ou afastam os jovens da Educação Física escolar. Esses contextos são de grande valia para entender como essas experimentações interferem no processo de adesão dos alunos a uma prática corporal como hábito de vida.

Um dos principais pontos levantados por meninas em relação às aulas de Educação Física mistas é o contato com os meninos. Principalmente aquelas garotas que têm o padrão corporal mais franzino se queixam da competitividade e ímpeto dos garotos nas aulas. O que pode resultar aversão às meninas quanto a práticas coletivas e de contato físico. Pamela exalta bem isso em seu discurso:

Eu não gosto de esporte que tenha contato (Pamela, 16 anos, estudante do 3º ano do Ensino Médio).

Ao mesmo tempo em que pratica musculação, por orientações médicas, a aluna do ensino médio diz não gostar de práticas corporais. O contato parece ser

um grande empecilho para que ela realize as aulas de Educação Física, principalmente ao ser mista; com isso os esportes coletivos são realizados junto com os meninos. Devido a experiências anteriores desagradáveis com choques entre colegas nas aulas, ela prefere não se envolver em disputas mais acirradas. Isso mostra uma possível fuga, das alunas, dos esportes coletivos, encontrando um certo conforto nas práticas, por exemplo, que tem o apelo vinculado à área do fitness, cuja organização tem a condição de receber maior número de adeptos relacionados com essa circunstância. Pamela parece entender e acolher o apelo da saúde pela via das práticas corporais, já que pratica musculação na intenção de adquirir uma composição muscular maior.

Por vezes situações impensáveis ou tidas como normais para os professores de Educação Física são tomadas pelos estudantes como grandes entraves, que passa a produzir temores que passam por várias circunstâncias. É comum ver nas escolas adolescentes bem arrumados, já que a escola é também um ponto de encontro social entre eles. A juventude é um período de afirmação, na qual fatores como o suor, ou sujeira proveniente das aulas são temores dos adolescentes porque podem significar elemento de chacota pelos pares.

Geralmente a gente traz uma roupa, desodorante e perfume. Vamos ao banheiro se trocar. A professora de Português até reclama que a gente se atrasa para a aula dela porque ficamos nos arrumando depois da Educação Física. (Cassiano, 15 anos, estudante do 2º ano do ensino médio)

Tendo a escola como um centro de relacionamentos para os jovens a boa aparência é um ponto importante para eles. Cassiano revela claramente qual o procedimento após as aulas de Educação Física, que mostra a necessidade dos alunos de se manterem arrumados para o convívio com seus colegas. Por vezes fatores que não permitam que isso ocorra podem desencadear uma aversão à prática corporal, ou pelo menos às aulas de Educação Física, que ocorrem na escola em horário escolar.

Eu fiquei com raiva da Educação Física por causa do meu colégio que tinha atletismo. Era obrigado a fazer atletismo. Eu odiava. Ficava toda suja de areia (Pamela, 16 anos, estudante do 3º do Ensino Médio).

Entretanto a escola tem uma diversidade de pessoas, relações, contextos e formas de tratar os assuntos que, claramente, permite que encontremos outros pontos de vista sobre o tema. Túlio ressalta que adoraria ter a oportunidade de praticar tal modalidade. O fascínio por se envolver com novas práticas supera a aversão pelo suor ou sujeira:

Eu já acho muito legal isso, eu tive a oportunidade de praticar numa série atletismo e achava legal. Eu não sabia nada, mas achava legal praticar. Era uma coisa de entretenimento e era interessante, era algo que fugia da rotina. E acho que as pessoas procuram muito isso [fugir da rotina] porque rotina é algo muito cansativo. Vai lá e joga futebol. (Túlio, 17 anos, estudante do 3º ano do Ensino Médio)

O termo “fugir da rotina” que Túlio utilizou e que reflete uma necessidade do jovem urbano parece estar diretamente ligado às práticas corporais. As pessoas, nos momentos disponíveis para vivências de lazer, procuram envolver-se em atividades que possam distanciá-los da mesmice e que propiciem o rompimento com a rotina. Fica claro que as práticas corporais quando relacionadas ao lazer provocam uma evidente sensação de bem-estar. A busca de sensações, prazeres, relaxamento que agradem o indivíduo são principais fatores de iniciação e adesão às práticas corporais (SCHWARTZ, 2002).

Esse embate de pensamentos, ideias e posicionamentos perante o mesmo assunto mostra a pluralidade da cultura escolar. O contato com a areia nas aulas de salto do atletismo fazia com que Pamela criasse um enorme repúdio, gerasse aversão e a afugentou das práticas corporais. Para Túlio é um grande fator mobilizador. Neste caso, uma nova prática, com novos movimentos a serem desenvolvidos, com uma área de trabalho, materiais e regras diferentes do usual, geraram no jovem curiosidade e motivação para realizá-la.

É de se pensar, portanto, que as atividades ministradas durante as aulas devem ser bem pensadas. É necessário conhecer seus alunos, assim como a cultura escolar antes de desenvolver determinadas práticas. Obviamente certa rejeição dos alunos não pode ser um bloqueador de esportes, modalidades, práticas e atividades, contudo cabe ao professor conciliar seus conteúdos à cultura escolar. Neste momento há de se ter visão crítica da escola e do seu contexto de seus determinantes sociais para elaborar o plano de ensino.

Nas escolas públicas, por vezes, há uma falta de recursos que impossibilitam o desenvolvimento de determinadas práticas. A disciplina de Educação Física necessita de materiais desnecessários às outras disciplinas escolares e espaços diferenciados. Com essas peculiaridades, somado ao fato de normalmente ser vista como um componente curricular de menor status é comum que não haja uma riqueza de materiais, quadras, campos, pistas ou até mesmo piscinas (e por que não? Visto que consta no referencial curricular do estado o desenvolvimento de atividades aquáticas).

Tal déficit na infraestrutura pode ser também um fator contribuinte para o afastamento dos alunos às práticas corporais. A não realização de determinada prática, vista na mídia, por questões de estrutura pode gerar um certo desapontamento nos alunos. Os colegas, o professor, o conteúdo e as condições de infraestrutura escolar são os principais fatores que contribuem para o alcance do prazer por parte dos alunos nas aulas de Educação Física (BETTI, 1995).

Na escola Aprendizagem não há grandes estruturas, como aros para jogar basquete ou ginásio para dias chuvosos. Esse também foi um ponto levantado pelos jovens sobre o prazer nas aulas de Educação Física.

O colégio precisava de uma melhor estrutura, uma área coberta (...). O colégio tinha que ajudar mais, prover mais coisas. (Anderson, 19 anos, estudante do 3ºano do ensino médio)

Quem não gosta de esporte ia continuar não gostando, mas quem gosta ia adorar. (Túlio, 17 anos, estudante do 3ºano do ensino médio)

Eu sinto falta de jogar basquete na Educação Física. (Pamela, 16 anos, estudante do 3ºano do ensino médio)

Quando Anderson diz que a escola deveria promover melhoras para os aspectos relacionados às aulas de Educação Física ele toca em um ponto que poderia melhorar significativamente a mobilização dos alunos em aula. Em seguida Túlio complementa a fala do colega salientando que talvez os alunos que não têm uma relação mais íntima com as práticas corporais talvez não se mobilizassem tanto. Entretanto os que aderem, e são a maioria, teriam mais prazer na realização das aulas. A melhora na infraestrutura poderia incrementar o número de modalidades praticadas pelos alunos. Neste sentido, um maior número de bolas, por

exemplo, poderia aumentar o contato do aluno com tal material, poderia criar condições para este aluno desejar tal prática corporal e assim qualificar a participação em determinadas atividades.

Sabendo que a Educação Física escolar é uma importante porta de entrada para a prática corporal na vida adulta e a satisfação gerada no aluno seria de grande importância para que esse cultivasse um hábito de exercícios físicos após o término da educação básica, seria interessante promover os aspectos positivos da disciplina: enaltecer os pontos fortes do grupo, ressaltar as aprendizagens realizadas, principalmente aqueles que mais tocam os jovens, assim como propiciar atividades, jogos e conteúdos que incrementem neles a cultura corporal de movimento. Penso que essas são incumbências fundamentais dos professores. Lembrar que cada alunado, cada escola, têm sua própria cultura e vivências passadas, e portanto podem ser trabalhada de forma diferente, sem perda nos conteúdos. Isso também é parte importante da atuação docente.

Cabe ao professor, portanto, lidar com seus alunos de forma a conhecer o que os mobiliza a empreender esforços cada vez maiores nas aulas, assim como atividades, modalidades e situações de aula que criam aversão aos jovens. Tirar o máximo proveito dos espaços e materiais disponíveis a sua disposição, aproveitar as características positivas dos alunos e do contexto onde a escola está situada e por outro lado minimizar aspectos que possam desmobilizar os jovens da prática corporal. É possível criar espaços, campeonatos, competições, gincanas na escola que estimulem o aluno através da competição ou por outro lado elaborar atividades lúdicas, passeios em lugares vinculados a natureza, para fomentar uma visão de práticas vinculadas a espaços naturais e sem a necessidade de vitória.

O caráter heterogêneo dos jovens permite que tenham considerações divergentes sobre o mesmo assunto. Mesmo sendo componentes do mesmo grupo de alunos, da mesma escola. Isso mostra o como é complicado atuar no ambiente escolar, o qual há de se compreender diversos fatores para transmitir, da melhor forma possível, seus saberes e conteúdos. Com isso é possível entender como o jovem pode se mobilizar, ou se afastar das práticas corporais devido a mesma circunstância. A extrema heterogeneidade se revela inter e intra grupos juvenis e está fortemente presente entre eles. Embora se estruturam tendo como referencia princípios comuns, esses grupos se diferenciam em relação a vários aspectos (GUIMARÃES, 1997).

Alguns fatores que desmotivam o jovem a prática corporal relacionam-se com a falta de tempo, devido a outros compromissos, o que mostra a pouca importância dada em relação a outras atividades. As questões de infraestrutura, faltando materiais, espaços adequados o aluno tende a não se relacionar com a prática da melhor maneira possível. E ainda há o suor, sujeira, que são provenientes das aulas, que para alguns jovens é extremamente desagradável.

No que tange aos pontos que mobilizam os jovens destaca-se praticar atividades diferentes, inovadoras, desafiadoras. Esportes e modalidades menos vistas e conhecidas pelos jovens podem gerar sensações boas nos alunos, o que os atrai. O fato de sair da rotina nas aulas é bem lembrado, novas práticas, com novos movimentos a serem desenvolvidos, com área de trabalho, materiais e regras diferentes do usual geram curiosidade e motivação para realizá-la.

4.3 A EDUCAÇÃO FÍSICA E AS PRÁTICAS CORPORAIS NA JUVENTUDE

É imprescindível e essencial a relação entre a prática corporal e a Educação Física escolar. Embora o componente curricular esteja amparado nas dimensões de cunho conceitual, atitudinal e procedimental dos conteúdos, é nítido que na prática da atuação docente a última dimensão é a mais aprofundada, sendo assim desde os primeiros anos da educação infantil até o ensino médio.

Na adolescência se vive mudanças que de certa forma estarão presentes no resto da vida do sujeito, como significados simbólicos de potencialidades e fragilidades da construção do sujeito (DAYRELL, 2007). É nesse momento que a escola e a disciplina de Educação Física em particular, podem assumir a incumbência de desenvolver programas que levem os educandos a perceberem a importância de se adotar um estilo de vida saudável, fazendo com que a prática corporal possa se tornar um hábito (GUEDES, 1999).

Para conquistar os jovens nas aulas é importante que seja visto um objetivo durante a realização das aulas. Os alunos do ensino médio discursaram sobre os objetivos das aulas, levantando diversos pontos. Abordaram aspectos relacionados a temas levantados em decorrência da prática, seja relacionado ao âmbito da saúde (evitar o sedentarismo), no que tange a desempenho, e também o estímulo a dar prosseguimento à prática corporal fora da escola. Quando indaguei eles sobre os

objetivos das aulas de Educação Física na escola e se estavam sendo alcançados as respostas foram as seguintes:

Motivar os alunos a fazer algum esporte (...). Se tu não faz aqui, tu não vai fazer em nenhum lugar. Acho que esse é o grande objetivo da Educação Física no colégio (Anderson, 19 anos, estudante do 3ºano do ensino médio).

Tu aprendes a lidar com o corpo também. Tu conheces teus limites, e aprende a supera-los(Wiliam, 16 anos, estudante do 3ºano do ensino médio).

Faz parte da tua educação. Saber do teu corpo, como funciona. Tu ter um conhecimento sobre isso. (...) Se não tivesse a Educação Física, as pessoas não saberiam o que é futebol, vôlei, handebol, principalmente os esportes mais desconhecidos. (Daniela, 16 anos, estudante do 3ºano do ensino médio).

Acho que ela consegue cumprir com seus objetivos, mas como cada um tem seus princípios, cada um sabe o que agrada mais. Vai de cada pessoa. Vai do interesse da pessoa e não da Educação Física. Nem sempre as pessoas querem seguir(Jéssica, 17 anos, estudante do 3ºano do ensino médio)

Nos fragmentos acima nota-se que as opiniões dos jovens são baseadas em uma percepção crítica nas aulas de Educação Física. O que é lembrado por Guedes (1999), que pensa ser necessário que as crianças e ainda mais os jovens tenham acesso a informações que lhes permitam estruturar concepções claras no que se refere ao motivo e a forma de praticar determinada modalidade, e não pelo simples fato de praticar.

Para Anderson, um objetivo nítido a ser cumprido pela disciplina é evitar o sedentarismo, estimular a prática ao longo da vida. Embora a maioria das doenças relacionadas com o sedentarismo se manifeste apenas durante a vida adulta vê a necessidade do estímulo das aulas ainda na adolescência para a prevenção de futuras doenças.

Quanto ao fato de dar prosseguimento à prática corporal fora da escola Jéssica exime a disciplina de Educação Física por entender que ela faz a sua parte como agente mobilizador. Entretanto é intrínseco o fato de dar prosseguimento ou não. Cada jovem deve optar pela realização ou não da prática. Essa argumentação parece ser bastante relevante no que tange ao poder de persuasão da Educação Física. Evidencia que embora se esforce para tocar o jovem e impulsioná-lo a

prosseguir praticando exercícios durante sua vida adulta a vontade do aluno é, por vezes, de não realizá-la, de manter outras atividades que não as práticas corporais. Com o crescimento de diversas formas de entretenimento juvenil que não exigem uma grande manifestação corporal, tal qual aparelhos eletrônicos, a aula de Educação Física torna-se um grande mobilizador para o jovem realizar a prática corporal. As aulas podem torná-los consumidores críticos do exercício e sua prática, assim como Farias Júnior (1991), Guedes (1999) e Devidé (1996) que apontam a “criação de estilos de vida ativos” como um dos principais objetivos a serem atingidos pela Educação Física no que tange a escola, seria interessante oferecer conhecimentos sobre o exercício, com vistas aos alunos adotarem um estilo de vida ativo.

Não obstante, o aluno também reconhece as aulas Educação Física escolar como grande influenciadora para o aluno dar prosseguimento às práticas corporais fora da escola. Os jovens pensam a escola como um começo, um conhecimento das atividades, para então dar continuidade fora da escola, em locais em que haja uma especialização na área. Houve diversos relatos entre os colaboradores sobre a influência da Educação Física escolar na adesão às práticas corporais:

A Educação Física me incentivou a fazer outras atividades fora. Eu comecei a fazer aqui e sentia vontade de fazer fora, aí fui fazer fora. (Jackson, 15 anos, estudante do 2ºano do ensino médio)

A Educação Física na escola foi o que me motivou pra jogar vôlei, e mais tarde começar a academia. Eu acho que a Educação Física é a base de tudo. É a base para despertar interesse. (Aline, 15 anos, estudante do 2ºano do ensino médio)

A partir da Educação Física na minha antiga escola foi criado um grupo de dança. É depois que saí da escola, eu continuei no meu grupo de dança. (Cassiano, 15 anos, estudante do 2ºano do ensino médio)

Na Educação Física é só um pouco, pra tu conhecer, porque é pouco tempo. (Darla, 16 anos, estudante do 2ºano do ensino médio)

As falas explicitam uma representação clara sobre a Educação Física escolar. Os jovens alunos depositam sobre as aulas da disciplina a função de criar subsídios motores e sociais para que entre eles desperte um interesse na prática corporal. Entendem que com o incentivo propiciado pelas aulas na escola, o aluno pode recorrer a espaços extraescolares para realizar tal prática. Tomando esse conceito

de “criação de estilos de vida ativos” como um dos objetivos da Educação Física escolar na visão dos próprios alunos. Ou pelo menos mobilizando os estudantes a se aproximarem de alguma prática corporal que lhes produzam significados.

Soma-se aos objetivos das aulas de Educação Física, seus conteúdos. Como todo componente curricular da educação básica, há de se transmitir saberes e conhecimentos. Contudo os conteúdos aqui parecem ainda incertos para os estudantes, isso se reflete no modo como veem a disciplina.

O aluno do ensino médio vê a repetição dos conteúdos do ensino fundamental na aula de Educação Física como desmotivante. Sente que atividades novas, inovadoras, são mais atrativas. Não compreende como em todas as disciplinas os conteúdos se renovam, enquanto as aulas de Educação Física mantêm-se inalteradas. O jovem sente necessidade de externar suas vontades, desejos e opiniões, e sua inconformidade com o que lhe é transmitido durante as aulas. O excesso de repetições, aulas sobre fundamentos que já tiveram, sentimento de não continuidade, são alguns comentários deles sobre o tema.

Há uma necessidade de diálogo entre os professores da área dentro da escola. Buscar subsídios em referenciais curriculares e não repetir as aulas do ensino fundamental são procedimentos que podem ser importantes para evitar esse tipo de repercussão entre o alunado. A falta de comunicação entre os professores, somada ao não seguimento de uma progressão de saberes e ainda a falta de condições para realização de algumas atividades em dias de chuva, por exemplo, , torna a Educação Física repetitiva e desgastada frente aos jovens. Patrícia expõe esse sentimento dos jovens:

Tu só tem aquela base de futebol, basquete e vôlei. E acho que não é só isso. Envolve também dança e outras coisas. É bom ter outras coisas, até mesmo atividade de rua. Não precisa ser dentro do ginásio. Até nas olimpíadas, eu olhava e ficava me perguntando: “isso aí desde quando é uma atividade física?”. Então eu tinha que pesquisar para saber que aquilo realmente era uma atividade física. Eu não conhecia, pois nunca tinha visto na Educação Física, nem tinha ouvido falar. Nunca ninguém comentou, todo mundo fica naquele padrão e nunca diferencia. Acho que seria muito interessante mostrar outros tipos: hipismo, hóquei ... Obvio que ninguém vai trazer um cavalo pra cá, mas a gente pode ir em outros lugares (Patrícia, 16 anos, estudante do 2º ano do ensino médio).

A fala da aluna demonstra claramente a inquietação dos discentes com a disciplina. A repetição, o comodismo e a falta de explicação dos conteúdos teóricos são temas muito abordados pelos alunos. O jovem sente a necessidade de realizar tarefas inovadoras, conhecer outras modalidades, ter mais experiências em práticas distantes do seu cotidiano. Entretanto para isso há de se repensar a prática docente atual. Pensar a Educação Física tal qual sugere o referencial curricular do estado. A atuação do professor é um tema relevante e conflituoso para viabilizar a “qualidade de ensino” na escola. Portanto, é necessário identificar vários integrantes desse processo, como: objetivos, conteúdos, métodos e estilos de ensino utilizados, atividades desenvolvidas (FOOLE et al. 2005).

Trabalhar as competências, habilidades e conteúdos segundo o Referencial Curricular do Estado do Rio Grande do Sul (2009) exigem planos de aula e, sobretudo, planos de ensino elaborados. Os professores precisam fazê-los com sequência lógica e com sentido para o aluno. Não obstante dos conteúdos de dimensão conceitual, que no ensino médio merecem ser bem trabalhados com os alunos.

Sobre os conteúdos teóricos, antigos fantasmas na Educação Física escolar, pude compreender a partir do trabalho de campo que os alunos tem uma boa aceitação por eles. Entendem a necessidade e apreciam quando o professor deixa a quadra e a bola de lado para tratar de alguns assuntos pertinentes a Educação Física escolar de forma teórica.

Existe a parte teórica e a prática na Educação Física. (Túlio, 17 anos, estudante do 3ºano do ensino médio)

Tem que ter aula teórica e prática, mas primeiro tem que ter uma aula teórica. Isso seria legal para todos os esportes. (Patrícia, 16 anos, estudante do 2ºano do ensino médio)

Para isso é necessário mudar um paradigma. Normalmente as aulas teóricas na Educação Física escolar são vistas como “quebra-galho”, são artifícios usados pelos professores para dias de chuva, ou que por algum motivo não possam realizar aulas práticas. Seus conteúdos, na maioria das vezes, são as regras do esporte trabalhado na quadra ou ainda regras e combinações para as aulas fora da sala de aula. Esse pensamento já faz parte da cultura escolar, já que até mesmo o alunado, quando se toca no tema de aulas teóricas na disciplina de Educação Física, logo

trata de regras e combinações para as aulas. É necessário lembrar dos conteúdos de dimensão conceitual da disciplina, o que exige que os professores precisem avançar para além dos conteúdos de dimensão procedimental.

As informações obtidas me permitem pensar que os alunos não oferecem tanta resistência assim as aulas teóricas. Parece que o maior entrave para que isso ocorra são os próprios professores, que não estão acostumados a lidar com esse tipo de atividade, que não parecem ter interesse nesse tipo de conteúdo. Para isso o professor pode utilizar vários métodos, como a interdisciplinaridade, trabalhos teóricos e práticos, utilizar temas apresentados pela mídia, entre outros. Trazer o jovem para pensar sobre seu corpo, sua saúde e suas práticas corporais é um compromisso tão grande quanto à realização e práticas das atividades durante as aulas. Para que se possa tratar de diversos temas nas aulas, inclusive os que passam das dimensões conceituais e procedimentais, é necessário que o professor construa uma boa relação com o aluno.

O professor, no desempenho de sua função, pode deixar marcas de grande significado nos alunos em formação. Ele é responsável por muitos descobrimentos e experiências que podem ser boas ou não. Como facilitador, deve ter conhecimentos suficientes para trabalhar tanto aspectos físicos e motores, como também os componentes sociais, culturais e psicológicos (GALVÃO, 2002). O relacionamento entre professor e aluno na Educação Física escolar tem um grande impacto sobre o modo como o jovem pode representar a prática corporal.

Mas o mais importante é a relação professor – aluno. É poder discutir um assunto, é poder tirar a dúvida. (Jéssica, 17 anos, estudante do 3ºano do ensino médio)

O relacionamento entre professor e aluno nas aulas de Educação Física é extremamente importante. É com essa relação construída e consolidada que o professor irá se legitimar perante os alunos e, portanto, legitimar suas atividades, conteúdos e saberes. Com essa relação alicerçada, as aulas tornam se mais atrativas aos jovens, o que facilitaria a aprendizagem.

É imprescindível que o professor esteja ciente de suas incumbências nas aulas. Rangel-Betti (1992) procurou analisar as expectativas dos alunos em relação à disciplina de Educação Física na escola. Os resultados mostraram que os alunos

identificam o professor como o principal responsável pelo gostar ou não da disciplina.

Silva (1992) citado por Galvão (2002) relaciona algumas características básicas do professor bem-sucedido na prática pedagógica, sendo estas: domínio do conteúdo e metodologia; envolvimento e apropriação da realidade dos alunos; e caráter reflexivo do trabalho docente. Sendo assim o professor, para cumprir com as exigências das aulas, precisa trabalhar de forma a não deixar a desejar nesses aspectos. Se relacionar com o aluno da forma como ele deve ser tratado e saber os momentos para determinadas interações são peças-chaves para o professor manter uma relação coerente com sua turma, visando aprendizagens significativas.

Por fim, é fator imprescindível nas aulas da disciplina de Educação Física que (assim como nas outras disciplinas escolares) haja objetivos claros, em todas as dimensões de conteúdo. A juventude é o período da vida escolar onde o jovem está mais propenso a criar um estilo de vida ativo, com isso cabe ao professor inserir isso em seus objetivos pedagógicos. No ensino médio o aluno sente a necessidade de trabalhar coisas novas, diferentes das aulas do ensino fundamental, se desmotiva quando percebe a repetição de tarefas e conteúdos na Educação Física escolar, enquanto outras disciplinas apresentam conteúdos e matérias novas. Para que isso não ocorra é importante que haja diálogo entre os professores da disciplina e assim sigam parâmetros iguais, fazendo com que a disciplina tenha uma sequência de saberes. Não obstante se apoiar no Referencial Curricular do estado do Rio Grande do Sul parece uma boa saída para esse problema.

Outro ponto de grande importância levantado pelos alunos é o relacionamento entre professor e aluno. As incumbências do professor para que as aulas se realizem da melhor forma possível, assim como que se cumpram seus objetivos são muito importantes. Além disso, ele deixa marcas de grande importância nos alunos, todas suas atitudes são observadas e analisadas, sendo, portanto, um exemplo para os jovens. Ele, com o vínculo consolidado e contato diário por longa data, pode moldar o caráter dos jovens e assim deixar marcas de grande significado, sendo que podem ser boas ou não. O professor exerce uma posição única dentro da escola, ele é a ligação entre o contexto interno —, a escola, com o contexto externo—, sociedade. (GALVÃO, 2002).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito das representações sociais trata das trocas simbólicas desenvolvidas, de relações e principalmente na construção do conhecimento compartilhado, onde o indivíduo é ponto inicial de um fenômeno e o centro de uma análise contundente sobre a construção de conhecimento coletivo sobre algo ou alguém. Ainda que não esteja essencialmente localizada nos sujeitos, as representações sociais são elaboradas por estes. Os jovens explicitam oralmente o que pensam, como percebem esta ou aquela situação, a opinião que formulam sobre determinado fato, que expectativas desenvolvem a respeito e assim por diante. Estas contribuições me auxiliaram a compreender como alguns jovens constroem seus significados e seus símbolos.

Esses pensamentos surgem relacionados a todos os âmbitos da vida dos jovens, porém me interessou essas representações direcionadas a um tema voltado a área de estudo da Educação Física, as práticas corporais. Tive como foco a sua apropriação no campo escolar, já que a escola é um espaço onde há grande interação de grupos e indivíduos, além de ser um local onde passamos boa parte da vida, formando ou reforçando conceitos, aprendizados e saberes.

Ao tocar no tema das representações sociais da Educação Física escolar e as práticas corporais, procurei nos jovens o entendimento sobre como eles constroem significados, como estes atravessam suas vidas e assim, como empreender uma aula que cumpra seus objetivos e ainda estimule o adolescente à obter desejo pelas práticas corporais.

Nas escolas onde realizei o trabalho de campo, embora fossem afastadas entre si e os adolescentes de anos escolares diferentes, houve muitos pontos em comum. Com isso, compreendi que as representações sociais são elaboradas pelos sujeitos, mas se afirmam como construções coletivas. Os jovens falam aberta e diretamente sobre os pontos negativos e se mostram bem insatisfeitos com a forma como lidam com as práticas corporais nas escolas estudadas.

Os estudantes do ensino médio acreditam que as práticas corporais são importantes, necessárias e prazerosas. Não praticam apenas com objetivos conectados à saúde, estéticos ou pelo rendimento. Pensam as práticas corporais

com forte relação com a área do *fitness* e com os esportes coletivos. Frente a exposição midiática intensa no que tange ao apelo a saúde nas práticas, é compreensível esta relação. Já a conexão com os esportes coletivos tem ligação direta com as aulas de Educação Física escolar. Tendo em vista que a representação social sobre algo ou alguém é relacionada com experiências passadas e o adolescente tem na escola seu maior contato com a prática corporal compreende-se tal representação.

O processo que faz com que o adolescente se aprofunde nas práticas corporais é a sensação obtida com tal, assim como os sujeitos e amigos igualmente conectados a ela. Com isso, soma-se o espaço no qual é praticada, os companheiros e a maneira na qual as práticas se inserem. Cada grupo ou sociedade usa de determinada prática para dar vazão a certos desejos que o mundo contemporâneo não consegue nos proporcionar.

Na infância há procura, assim como motivação, maior para a realização das práticas corporais em relação à adolescência. Os jovens reconhecem isso e creditam em fatores como: maior número de disciplinas na escola, trabalho no turno oposto ao das aulas e preocupação com o vestibular. Essas considerações evidenciam o grau de importância concedido às práticas corporais durante a juventude. Para que ocorra uma mobilização maior nos jovens é importante reinventar a Educação Física escolar no ensino médio. É possível fazer essa análise, pois é reforçado pelos colaboradores que a repetição da metodologia de trabalho do ensino fundamental no ensino médio é um agravante de tal desprestígio.

Outros fatores que desmobilizam o jovem relacionam-se com as questões de infraestrutura. Com a falta de materiais e espaços adequados, o aluno tende a não se relacionar com a prática da melhor maneira possível. Fatores impensáveis para alguns professores podem se tornar grandes empecilhos para que alunos realizem as práticas. Mesmo conhecedores dos benefícios e apreciadores das práticas podem não tolerar fatores como suor e sujeira, provenientes das aulas, visto que para alguns jovens isto é extremamente desagradável. É importante lembrar que a escola é, por vezes, um ponto de encontro e um grande centro de relações sociais, daí o desagrado em se encontrar em tal situação.

Por outro lado há de se considerar pontos e fatores mobilizadores à prática corporal pelo jovem. Na juventude por natureza sente-se prazer em vivenciar coisas novas, surpreendentes, diferentes do habitual. Com as práticas corporais não é

diferente. Esportes e modalidades pouco faladas e desconhecidas podem instigar sensações boas nos alunos, tornando-se um atrativo. O fato de sair da rotina é fortemente lembrado e reforçado. Novas atividades, assim como novos movimentos a serem desenvolvidos, área de trabalho, materiais e regras diferentes do comum fomentam curiosidade, motivação e prazer ao realizá-las.

A representação que os jovens têm das práticas corporais está diretamente ligada às suas experiências anteriores nas aulas de Educação Física na escola. Portanto o professor no desempenho de sua função é parte extremamente importante no processo dessa construção simbólica. A legitimidade da disciplina nos anos escolares, assim como a percepção de objetivos, metas, conteúdos, saberes e tarefas a serem desenvolvidos pelos alunos nas aulas são incumbências docentes.

O professor deixa marcas de grande significado nos seus alunos. Isso se potencializa no ensino médio, já que os jovens tendem a ser pensadores críticos da escola. É possível deixar referências positivas nos alunos, sendo que todos seus gestos e atitudes são observados e analisados e com isso tornar-se um exemplo para os jovens. A juventude é o período da vida escolar onde há maior tendência a criar um estilo de vida ativo, com isso cabe ao professor construir essa mentalidade em seus objetivos pedagógicos.

Quando a questão é a relação entre as aulas de Educação Física e a adesão às práticas corporais, os colaboradores não são divergentes. A relação é direta, vêm as aulas na escola como ponto de partida, passo inicial e reconhecimento das práticas. Porém entendem que o aluno tocado pelas aulas deve procurar aprimorar-se em ambientes extraclasse. Notei no discurso dos jovens que a escola não é lugar, segundo eles, para aprofundar-se em algo. Há na escola certa impotência para que ocorra especialização ou prosseguimento; a rotineira alternância de modalidades/atividades pode ser um dos motivos para isso.

Aprendi nas conversas que tive com os colaboradores que as práticas corporais, assim como a Educação Física na escola estão unidas intimamente para o jovem. Em alguns momentos seus relatos são tão parecidos que é difícil diferenciá-las. Talvez isso tenha relação com o fato de que a representação parte de experiências passadas e possivelmente a experiência desses jovens tenha sido em sua maioria nas aulas na escola. Com isso, para que a adesão ocorra e evitemos hábitos como o sedentarismo nos adultos é necessário começar nos primeiros anos escolares a estimular e propiciar situações para que se crie além do gosto a prática,

o hábito, a cultura corporal. Em um momento de transformações da vida, de surgimento de novas tarefas e obrigações, o adolescente não pode desprestigiar as práticas corporais. E nesse contexto tornar a Educação Física escolar uma disciplina com qualidade, com êxito nos seus objetivos, e sobretudo com respaldo perante o corpo discente é determinante.

Os jovens estudantes do ensino médio das duas escolas públicas de Porto Alegre representam as práticas corporais como algo importante, necessário e prazeroso. A simbologia da prática corporal perpassa o objetivo conectado a saúde, estético ou rendimento. O que toca com mais profundidade o adolescente é a sensação obtida com tal prática, assim como as pessoas e amigos igualmente ligados à ela. Com isso relaciona-se as práticas corporais como forma de dar continuidade e evolução às técnicas e ao rendimento em práticas que lhe signifique algo, sem perder de vista a companhia de amigos, e momentos agradáveis, com satisfação pessoal e bem-estar.

A Educação Física escolar para grande parte dos jovens é o primeiro e mais profundo contato com as práticas corporais sistematizadas. Com isso quero dizer que em outros espaços, a criança – sobretudo – brinca e realiza práticas corporais repleta de significados. Nas aulas de Educação Física, no entanto, elas conhecem e se adequam a um padrão de execução das práticas, que levam pra si e dão sequência no decorrer da vida. Assim sendo, os alunos do ensino médio depositam sobre as aulas de Educação Física a função de criar subsídios motores e sociais para que entre eles desperte um interesse nas práticas corporais. Entendem que com o incentivo propiciado pelas aulas na escola, o aluno pode recorrer a espaços extraescolares para realizar tal prática. Mobilizando os estudantes a se aproximarem de alguma prática corporal que lhes produzam significados.

As representações sociais dos estudantes do ensino médio que compreendi neste estudo, retratam de certa forma, uma crise que há na Educação Física nessa etapa de ensino. Parece que, sem o apelo ao discurso pautado no desenvolvimento motor, que tanto influenciou e influencia a Educação Física no Ensino Fundamental, por vezes se toma o jovem como alguém que não tem mais nada a aprender corporalmente. Os estudantes percebem isso e explanam tal sentimento nas suas falas. A repetição dos métodos de ensino-aprendizagem e dos conteúdos do Ensino Fundamental parecer tornar a disciplina desmotivante e desgastada perante o corpo

discente. Dessa forma há uma estagnação do aprendizado e os professores perdem oportunidades de ampliar o conhecimento em seus alunos.

Além das considerações sobre os resultados do trabalho e suas implicações para próximos projetos penso ser importante neste momento tecer comentário em um assunto que perpassa os resultados e objetivos e toca diretamente na função de pesquisador exercida durante a coleta e escrita do trabalho.

A experiência com o trabalho de campo e o contato direto com os jovens foi magnífica. Adversidades e implicações não pensadas por mim previamente surgiram, assim como a capacidade de solucioná-las. As falas dos colaboradores, alguns os quais eu já conhecia, outros que não tive a oportunidade de ter contato anterior ao dia da coleta foram muito elucidativas, o que contribuiu fortemente para a elaboração do trabalho. Escutar dos jovens seus pensamentos, interpretar suas representações alterando o mínimo possível seus dizeres pela minha presença foi realmente muito complicado, falar a “língua” deles e diminuir o caráter sério que o gravador impunha no grupo focal foi árduo. A parte mais difícil na coleta foi conseguir com que os colaboradores falassem o que realmente pensavam e não o que achavam que eu gostaria de ouvir.

Uma pesquisa dessa natureza, de caráter descritivo a qual necessita que o pesquisador interprete as falas para então produzir considerações que reflitam o que pensam e representam seus colaboradores exige muita responsabilidade e poder de observação do pesquisador. Entretanto é de grande valia para o meio acadêmico, a fim de conhecer o seu público e voltar esforços para melhorar as condições dos profissionais com atuação voltada para a área. Encantei-me com o trabalho com o ensino médio, penso ser esta a área de ensino na qual mais me identifico para atuar e não é a toa que a escolhi como objeto de pesquisa deste trabalho.

Pesquisar, escrever e por fim, de certa forma, produzir conhecimento não é tarefa simples. Agregar saberes a uma área com pesquisadores muito capacitados e experientes é realmente complicado. Entretanto penso ter encontrado uma posição interessante entre colocar minhas opiniões e legitimá-las com apoio na literatura. Sem deixar de expor meus pensamentos e sem deixar de agregar colocações que outros autores já haviam tecido sobre assuntos que se ligavam.

Com este trabalho, espero criar subsídios para que os professores de Educação Física do ensino médio realizem seus trabalhos da melhor maneira possível. Obviamente nem todas as representações dos jovens sobre as práticas

corporais foram encontradas pelo autor, há de se considerar que diferentes escolas, em diferentes localidades e com diferentes jovens podem suscitar novas representações, simbologias sobre o mesmo tema. O caráter heterogêneo do jovem contemporâneo permite que isso ocorra.

Entretanto, pensar no aluno do ensino médio, em suas carências, suas vontades e em como fazer com que ele crie desejo pelas práticas corporais é um ponto crucial do trabalho docente. O ponto de partida para a elaboração do trabalho foi esse, e penso ter chegado ao fim sem perdê-lo de foco. Pensar em teorias pedagógicas, no processo de ensino-aprendizagem, mas sem esquecer-se de estimular os jovens estudantes às práticas corporais. Há a necessidade de ampliar esta linha de pesquisa, pensando em diferentes populações de jovens, em diferentes contextos, além de compreender como seus pensamentos sobre o tema mudam com o tempo e frente aos espaços em que estão inseridos.

REFERÊNCIAS

- BETTI, M. e LIZ, M. Educação Física escolar: a perspectiva das alunas de Ensino Fundamental. **Motriz**, Rio Claro, v.9, n.3, p.135-142, 2003
- BIDDLE, S. Sport and exercise motivation: a brief review of antecedent factors and psychological outcomes of participation. **Physical Education Review**, Manchester, v.15, n.2, p. 98-110, 1992.
- CHEIK, N. C. et al. Efeitos do exercício físico e da atividade física na depressão e ansiedade em indivíduos idosos. **Revista Brasileira de Ciências e Movimento**, v. 11, n. 3, p. 45-52, 2003.
- CARRANO, P. Identidades culturais juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades, IN: MOREIRA, A. ; CANDAU, V. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 182-211
- CARVALHO, Y. M. . Práticas corporais e comunidade: um projeto de Educação Física no Centro de Saúde Escola Samuel B. Pessoa. In: Alex Branco Fraga; Felipe Wachs. (Org.). **Educação Física e Saúde Coletiva: políticas de formação e perspectivas de intervenção**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, v. 1, p. 63-73.
- CORRÊA, I.L.S. e MORO, R.L. **Educação Física Escolar: reflexão e ação curricular**. Ijuí: Ed.UNIJUÍ, 2004.
- DAMICO, J. Corpo a corpo com as jovens: Grupos focais e análise de discurso na pesquisa em Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v.12, n. 02, p. 35-67, maio/agosto de 2006.
- DATAFOLHA. Sessenta por cento dos brasileiros estão parados. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 de nov. 1997. http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/11/27/caderno_especial/25.html acessado em 10/04/2012.
- DARIDO, S. C. A Educação Física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.18, n.1, p.61-80, jan./mar. 2004.
- DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? Reflexos em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.
- DEVIDE, F.P. ; RIZZUTI, E. V. Transformações periféricas das representações sociais de alunos do ensino fundamental sobre a Educação Física escolar após intervenção pedagógica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, vol.22,n.3, p.117-136, maio/2001.
- FARIAS JÚNIOR, J. C. Prevalência e fatores de influência para inatividade física em adolescentes. **Revista Brasileira de Ciências e Movimento**. 2006; 14: 57-64.

FOLLE, A.; POZZOBON, M. E.; BRUM, C. F. Modelos de ensino, nível de satisfação e fatores motivacionais presentes nas aulas de Educação Física. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 16, n. 2, p. 145-154, 2º sem., 2005.

FRANCO, M.L.P.B.; NOVAES, G.T.F. Os jovens do ensino médio e suas representações sociais. **Cadernos de Pesquisa**, nº 112, p. 167-183 março/ 2001

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GALVÃO, Z. Educação Física Escolar: a prática do bom professor. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, ano 1, n. 1 p. 65-72, 2002.

GROPPO, L.A. Condição juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes. **Ultima Década**, Valparaíso, núm. 33, dezembro, 2010, p. 11-26.

GUEDES D.P. Educação para a saúde mediante programas de Educação Física escolar. **Motriz**, Rio Claro, v.5, n.1, jun, 1999.

GUIMARÃES, E. Juventude(s) e periferia(s) urbanas. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, nº 5, set./out./nov./dez., 1997, p. 199-208.

IBGE. **Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar**. Brasil, 18 de dezembro de 2009. http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1525. Acessado em 6/05/2012.

MANDELL, R. História cultural del deporte. Barcelona: **Ediciones Bellaterra**. 1986.

MALINA R.M. Physical activity and fitness: pathways from childhood to adulthood. **American Journal of Human Biology**, 2001;13:162-72.

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo. 1997. nº 5, set./out./nov./dez.p.5 -14. Trad. Angelina Teixeira Peralva.

MINAYO, M.C.S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra. **Textos em representações sociais**. 6. ed. Petrópolis, RJ:Vozes, 2000.

RANGEL-BETTI, I.C.R. **O prazer em aulas de educação física escolar: a perspectiva discente**. 1992. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade de Campinas, Campinas.

RIO GRANDE DO SUL, Secretaria de Educação do Estado. **Referenciais Curriculares para a Educação Básica: Linguagens, Códigos e suas tecnologias Artes e Educação Física**. vol. 2. Porto Alegre: SERS/DP, 2009.

SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes. 1996.

SCHUTZ, A. **Collected Pappers I “Commonsense and Scientific Interpretations of Humam Action”**. 2.ed. Cidade: editora, 1982.

SCHWARTZ, G. M. Emoção, aventura e risco – a dinâmica metafórica dos novos estilos. In: BURGOS, M. S.; PINTO, L. M. S. M. (Org.) **Lazer e estilo de vida**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002. p. 139-168.

SILVA, A. M., DAMIANI, I. R. organizadoras. **Práticas Corporais. Gênese de um Movimento Investigativo em Educação Física**. Volume 1 – Florianópolis: Nauemblu Ciência & Arte, 2005.

SILVA, R. R.; MALINA, R. Sobrepeso, atividade física e tempo de televisão entre adolescentes de Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, n. 114, p.63-66, out./dez. 2003.

Apêndice B – Roteiro de questões do grupo focal

-Apresentação.

1. Quais práticas corporais realizam, com que frequência? O que o levou a tal prática?
2. O que sente durante as práticas? Porque faz?
3. Quais gostariam de praticar, por quê?
4. O que não gosta de praticar?
5. Qual a possibilidade de praticar na escola?
6. O que mais gosta de fazer na educação física escolar
7. O que não gosta de fazer na educação física escolar
8. Alguma atividade surpreendeu?
9. Como deve ser a educação física escolar no ensino médio?
10. Quando começam a se afastar e por quê?
11. A Educação Física estimula a manter uma prática fora da escola?
12. Qual a importância do professor e das aulas?
13. Na escola vira obrigação? Fora tem mais vontade?
14. Qual a diferença de fora e dentro da escola?
15. O que aprenderam na Educação Física?